

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Adna Oliveira Silva

**INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA PROPOSTA
PEDAGÓGICA A PARTIR DA ANÁLISE DO CURTA-METRAGEM
“LOOP”**

Goiânia

2024



UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES
ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome completo do autor: Adna Oliveira Silva

Título do trabalho: "Inclusão na Educação Física Escolar: uma proposta pedagógica a partir da análise do curta-metragem "LOOP""

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Adna Oliveira Silva, Discente**, em 27/11/2024, às 21:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Florence Rosana Faganello Gemente, Professora do Magistério Superior**, em 28/11/2024, às 16:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4986803** e o código CRC **28A975A3**.

Adna Oliveira Silva

**INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA PROPOSTA
PEDAGÓGICA A PARTIR DA ANÁLISE DO CURTA-METRAGEM
“LOOP”**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás como requisito para finalização do curso de Licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Dra. Flórence Rosana Faganello Gemente

Co Orientadora: Ma. Aurélia Dhuann Alves Batista

Goiânia

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva, Adna Oliveira

Inclusão na Educação Física Escolar [manuscrito] : uma proposta pedagógica a partir da análise do curta-metragem "Loop" / Adna Oliveira Silva. - 2024.

71 f.

Orientador: Profa. Dra. Flórence Rosana Faganello Gemente; co orientadora Aurélia Dhuan Alves Batista.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD), Educação Física, Goiânia, 2024.

Bibliografia.

Inclui siglas, fotografias, abreviaturas, lista de figuras.

1. Educação Física Escolar. 2. Inclusão. 3. Mídia-Educação. 4. Transtorno do Espectro Autista. I. Gemente, Flórence Rosana Faganello, orient. II. Título.

CDU 796



UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Na data de **26/11/2024**, às **15 horas**, de forma **online** na plataforma **Google Meet**, iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **“Inclusão na Educação Física Escolar: uma proposta pedagógica a partir da análise do curta-metragem “LOOP”**”, de autoria de **Adna Oliveira Silva**, do curso de **Educação Física - Licenciatura**, da Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás (FEFD/UFG). Os trabalhos foram instalados pela **Profa. Dra. Flórence Rosana Faganello Gemente - orientadora FEFD/UFG** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Profa. Ma. Aurélia Dhuann Alves Batista - coorientadora**, **Profa. Dra. Ana Paula Salles da Silva - FEFD/UFG** e **Prof. Me. Estêvão Maya de Moura Pereira - UnU Porangatu/UEG**. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de **10,0 (dez)**, tendo sido o TCC considerado **aprovado**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Aurelia Dhuann Alves Batista** registrado(a) civilmente como **Aurélia Dhuann Alves Batista, Usuário Externo**, em 27/11/2024, às 18:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Florence Rosana Faganello Gemente, Professora do Magistério Superior**, em 28/11/2024, às 16:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula Salles Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 29/11/2024, às 13:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Estêvão Maya de Moura Pereira, Usuário Externo**, em 03/12/2024, às 21:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4986802** e o código CRC **666C9950**.

Adna Oliveira Silva

**INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA PROPOSTA
PEDAGÓGICA A PARTIR DA ANÁLISE DO CURTA-METRAGEM “LOOP”**

Esta monografia foi aprovada em sua forma final

Goiânia, 26 de novembro de 2024.

Dedico este trabalho a Adna, por ter continuado a viver e ainda continuar sonhando...

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre estar presente na minha vida.

À minha mãe, Maria de Fátima, por todo o seu amor e por ter cuidado do meu filho enquanto eu estava nessa caminhada de atravessar o Brasil para estudar a 1.345 km de distância de casa.

Ao meu filho Quinho, pela companhia durante a escrita deste trabalho, por sempre aguardar pela minha volta para casa e me receber com o amor mais puro deste mundo.

À minha orientadora, professora e amiga, Flórence, por toda sua contribuição na minha formação profissional e humana. Obrigada por ter me apresentado o Atletismo com tanta competência e amor por essa modalidade esportiva. Obrigada pelos aprendizados científicos nas disciplinas, pelo processo deste trabalho que foi tão intenso e por inúmeras trocas, corridas e caminhadas que realizamos juntas.

À professora Aurélia Dhuann, por ter sido a minha co orientadora neste trabalho, e ter compartilhado leituras. Obrigada por ter me apresentado e presenteado com o livro da Mantoan.

Aos professores da Banca Examinadora, a professora Ana Paula Salles e o professor Estêvão Maya por terem contribuído com inúmeros aprendizados durante o meu curso de formação, e por terem aceitado prontamente em participar desta banca. Os admiro por tanto respeito e amor pelo que fazem, são excelentes professores.

As amizades que foram construídas na Universidade Federal de Goiás (UFG), em especial, na Corrida e Caminhada Orientada do Projeto de Extensão da Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD), e nos futebóis dos times da UFG.

À minha madrinha Cristiane e à minha amiga Meire, que sempre se fizeram presentes na minha vida, principalmente nos momentos difíceis dos embarques para as viagens rumo à Goiânia.

Aos colegas da FEFD/UFG, alunos, professores e funcionários (também aos ex-alunos, ex-professores e ex-funcionários que pude compartilhar boas conversas). Além desses,

também agradeço aos colegas de toda a UFG - Campus Samambaia, principalmente os atendentes do Restaurante Universitário (RU).

Aos meus ex-alunos do Estágio, em especial a turma do 2º “A” do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), que foi uma experiência ímpar, extremamente enriquecedora.

À Universidade Federal de Goiás pelo acolhimento, e por ser esse modelo de instituição pública eficiente.

À Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), pelo trabalho acolhedor, competente e muito necessário para a minha permanência na UFG.

A todos que contribuem para um mundo mais justo, igualitário e digno.

RESUMO

O presente trabalho parte da necessidade do debate sobre a inclusão nas escolas, assim como, propõem novas formas no processo de ensino-aprendizagem a partir do uso das mídias para contribuir em práticas educativas inclusivas nas aulas de Educação Física Escolar. A metodologia utilizada nesta pesquisa define-se como uma metodologia qualitativa e propositiva, na qual, está pautada nos princípios da Análise de Conteúdo, de modo que o curta-metragem *Loop* (2020) foi analisado e problematizado por tal fundamentação. Assim sendo, o objetivo geral consiste em avaliar as potencialidades do uso de curta-metragem com o trato pedagógico dos conteúdos da Educação Física pela perspectiva da inclusão abordadas na obra *Loop* (2020). Para os objetivos específicos foram: identificar as características do Transtorno do Espectro Autista (TEA) a partir das representações contidas no curta-metragem *Loop* (2020); apresentar um modelo de proposta de intervenção pedagógica inclusiva que possa contribuir com a atuação do professor de Educação Física. Os dados foram organizados nessas duas categorias: Da resistência à aproximação; e Grupos de sinais do espectro autista. Constatamos, ao final deste estudo, que o curta *Loop* (2020) pode contribuir como ferramenta pedagógica para potencializar os processos educacionais, no qual o seu uso mediado pelos professores, contribuirá para a formação de sujeitos reflexivos, críticos, empáticos e desconstruídos de preconceitos.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Inclusão; Mídia-Educação; Transtorno do Espectro Autista.

ABSTRACT

This work is based on the need to debate inclusion in schools, as well as proposing new forms in the teaching-learning process based on the use of media to contribute to inclusive educational practices in school physical education classes. The methodology used in this research is defined as a qualitative and propositional methodology, in which it is based on the principles of Content Analysis, so that the short film Loop (2020) was analyzed and problematized by this foundation. Therefore, the general objective is to evaluate the potential of using short films to deal pedagogically with the contents of Physical Education from the perspective of inclusion addressed in the work Loop (2020). The specific objectives were: to identify the characteristics of Autism Spectrum Disorder (ASD) based on the representations contained in the short film Loop (2020); and to present a proposal for an inclusive pedagogical intervention that could contribute to the work of the Physical Education teacher. The data was organized into two categories: From resistance to approximation; and Groups of signs of the autistic spectrum. At the end of this study, we found that the short film Loop (2020) can contribute as a pedagogical tool to enhance educational processes, in which its use mediated by teachers will contribute to the formation of reflective, critical, empathetic and deconstructed subjects of prejudice.

Keywords: School physical education; Media education; Inclusion; Autism Spectrum Disorder.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Renee e Marcus na aula de Canoagem.	38
Figura 2: Marcus sendo avisado pelo instrutor/professor sobre a Renee.	39
Figura 3: Primeira aproximação entre Marcus e Renee.	42
Figura 4: Renee assustada.	45
Figura 5: Conteúdos e atividades motoras desenvolvidas com crianças com TEA.	45
Figura 6: A conexão entre os personagens.	47
Figura 7: Comunicação pela imagem no celular.	48
Figura 8: Renee evita o contato visual com o Marcus.	51
Figura 9: Reação da Renee quanto ao contato visual.	51
Figura 10: Interação com as plantas aquáticas.	52
Figura 11: O balançar das mãos - flapping	53
Figura 12: Renee com o seu celular	54
Figura 13: Hipossensibilidade tátil.	56
Figura 14: Hipersensibilidade auditiva gerando “meltdown”	57
Figura 15: Hipersensibilidade auditiva gerando “shutdown”	58
Figura 16: Tirinha do “Armandinho” sobre o TEA.	66
Figura 17: Tirinha do “Armandinho” sobre Direitos Humanos.	67

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASAN *Autistic Self Advocacy Network* (Rede de Autodefesa Autista)

BNCC Base Nacional Comum Curricular

CEPAE Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

CID-11 Classificação Internacional de Doenças

DPSA *Disabled People South Africa* (Pessoas com Deficiência da África do Sul)

DSM-5 *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais)

ECA Estatuto da Criança e do Adolescente

FEFD Faculdade de Educação Física e Dança

LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

ONU Organização das Nações Unidas

PECS *Picture Exchange Communication System* - Sistema de Comunicação Através das Trocas de Figuras

PRAE Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis

PRP Programa de Residência Pedagógica

RU Restaurante Universitário

TDICs Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

TEA Transtorno do Espectro Autista

UFG Universidade Federal de Goiás

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
2. REVISÃO DE LITERATURA	19
2.1 A IMPORTÂNCIA DA MÍDIA-EDUCAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	19
2.2 INCLUSÃO ESCOLAR	22
2.3 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)	25
2.4 “NADA SOBRE NÓS, SEM NÓS” – A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE NO CINEMA, QUE GANHOU VISIBILIDADE NO CURTA-METRAGEM LOOP (2020)	31
2.5 CURTA-METRAGEM COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA PARA UMA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR INCLUSIVA	32
3. METODOLOGIA	36
4. ANÁLISE DO CURTA-METRAGEM “LOOP”	38
4.1 DA RESISTÊNCIA À APROXIMAÇÃO	39
4.2 GRUPOS DE SINAIS DO ESPECTRO AUTISTA	47
4.2.1 Diferenças na comunicação, na linguagem e na interação social	48
4.2.2 Comportamentos restritos, repetitivos e auto-regulação	52
4.2.3 Alterações sensoriais	54
5. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	60
5.1 PLANOS DE AULA	61
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	71

1. INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade democrática, e de acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos proclamada em 1948, em seu Art. 1º “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos [...]”. A nossa sociedade é diversa, seja em diferenças culturais, étnicas, sociais, linguísticas, de gênero, entre outras. Há também, uma diversidade humana e, temos um compromisso enquanto cidadãos, estudantes, futuros professores, e professoras atuantes de aprendermos, respeitarmos, valorizarmos e debatermos tais questões, para vislumbrarmos uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

A escolha pelo tema na pesquisa surge a partir de, primeiramente, o incômodo de poder discutir a referida temática em apenas seis disciplinas do componente curricular do curso de licenciatura em educação física (sendo que, apenas uma disciplina era destinada totalmente a aula de educação física inclusiva, mas esta não supriu todos os conhecimentos que são necessários para a lida diária de uma escola, e de todos os conteúdos das aulas de educação física que precisam ser ensinados). Cabe ressaltar que, foram cursadas um total de quarenta e quatro disciplinas pela discente no referido curso.

Além disso, nos estágios obrigatórios curriculares, que são quatro disciplinas ao longo de quatro semestres, as discussões sobre inclusão só ocorreram no último estágio, quando encontrei a urgência de se trabalhar com crianças com necessidades específicas de aprendizagem na escola-campo. Para além do estágio, também vivenciei a lida de ser professora como bolsista do Programa de Residência Pedagógica (PRP) em uma escola municipal de Goiânia e como monitora do projeto de extensão da Universidade Federal de Goiás (UFG) na Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD), e nessas experiências me deparei com a realidade de planejar e ministrar aulas trabalhando a inclusão, mas tive muita insegurança pelo pouco conhecimento adquirido no curso de formação.

Ademais, essas experiências intensificaram a minha demanda de buscar novos conhecimentos sobre a inclusão na educação física escolar, e assim possibilitar melhores condições de exercer a docência. É preciso um despertar para avanços quanto a diversidade, não podemos negligenciar a importância do debate para vislumbrar uma sociedade inclusiva e igualitária. Por isso, se torna necessário o interesse pela temática da inclusão que é de suma importância para a formação docente e humana. Assim, neste trabalho abordamos a inclusão das pessoas com deficiência, mas especificamente direcionada ao Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Sobre a necessidade desse debate, ainda em 2009, Sasaki afirmou que mudanças eram imprescindíveis e urgentes para viabilizar a construção de uma sociedade acessível para todos, mas o que percebemos é que ficamos estagnados. Sasaki (2009) também salientou sobre seis medidas conhecidas como “dimensões da acessibilidade” que deveriam ser inseridas para cooperar com a inclusão. As mudanças são as seguintes:

[...] arquitetônica (sem barreiras físicas); comunicacional (sem barreiras na comunicação entre as pessoas); metodológica (sem barreiras nos métodos e técnicas de lazer, trabalho, educação etc.); instrumental (sem barreiras em instrumentos, ferramentas, utensílios etc.); programática (sem barreiras embutidas em políticas públicas, legislações, normas etc.) e atitudinal (sem preconceitos, estereótipos, estigmas e discriminações nos comportamentos da sociedade para as pessoas com deficiência) (Sasaki, 2009, p.1-2).

Assim sendo, temos uma urgência em romper velhos paradigmas, quebrar diversas barreiras, progredir e evoluir o nosso pensamento e a nossa humanidade. Precisamos nos reinventar principalmente no campo da educação, aprender novas práticas enquanto professores em formação inicial e repensar nossas práticas enquanto professores em formação continuada. Nesse sentido, Mantoan (2015) destaca que a inclusão impõe uma reviravolta nos sistemas escolares e que estes resistem a mudarem a sua organização e pensamento, pois trazem uma lógica “[...] marcada por uma visão determinista, mecanicista, formalista, reducionista, própria do pensamento científico moderno, que ignora o subjetivo, o afetivo, o criador” (Mantoan, 2015, p.22-23) mas que é imprescindível questionar e redefinir o modelo e os planos para uma educação que seja de fato inclusiva.

A temática sobre a inclusão, no tocante à educação inclusiva conjuntamente com o uso das mídias, é uma problemática que precisa ser pesquisada, aprofundada e retornada para a sociedade como contribuição de justiça social. Para tanto, como estratégia do ensino-aprendizagem da temática inclusão nas aulas de educação física nas escolas, o presente trabalho está articulado ao princípio da mídia-educação “[...] cujos objetivos dizem respeito à formação do usuário ativo, crítico, e criativo de todas as tecnologias de informação e comunicação” (Belloni, 2009, p.12). Nesse sentido, utilizaremos um curta-metragem como elemento potencializador em formar sujeitos críticos, conscientes e empáticos. O curta-metragem que será analisado é o *Loop* (2020) que aborda o tema da inclusão de uma criança autista não verbal na sociedade.

Sabemos que escola é um espaço apropriado para o domínio dos conhecimentos que perpassam ao longo do tempo, assim como, deve propiciar a apreensão de novas informações como a educação para as mídias. Fantin (2011, p.28) salienta que “[...] a

mídia-educação é uma condição de educação para a ‘cidadania instrumental e de pertencimento’, para a democratização de oportunidades educacionais e para o acesso e produção do saber [...]” então, a sua inserção mediada nas escolas, pode vir contribuir para um trabalho direcionado à diminuição das desigualdades sociais.

A partir desses fatores que visam a importância de um pensar e um agir para o fomento de uma educação inclusiva, a presente pesquisa traz a seguinte questão norteadora: Qual a potencialidade desse curta-metragem para desenvolver a inclusão nas aulas de Educação Física Escolar?

Nesse sentido, essa pesquisa teve como **objetivo geral:** avaliar as potencialidades do uso de curta-metragem com o trato pedagógico dos conteúdos da Educação Física pela perspectiva da inclusão abordadas na obra *Loop* (2020). Teve como **objetivos específicos:** identificar as características do TEA a partir das representações contidas no curta-metragem *Loop* (2020); apresentar um modelo de proposta de intervenção pedagógica inclusiva que possa contribuir com a atuação do professor de Educação Física.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A IMPORTÂNCIA DA MÍDIA-EDUCAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A sociedade contemporânea vive a era da informação gerada pelo crescente avanço tecnológico, relacionado a isso, diferentes tipos de mídias surgiram como alternativas de acesso às informações. Nesse contexto, Camilo e Betti (2010) destacam que as tecnologias de informação e comunicação e as mídias, fazem parte do cotidiano das pessoas desde os meios de comunicação de massa tradicionais, como jornais, rádio e televisão, e que, com o advento das tecnologias digitais, com o uso de computadores, telefones celulares, etc., o número de usuários teve um alcance ampliado, além de facilitado, especialmente entre os mais jovens.

Diante desse cenário de uma sociedade digital, é necessário que os sistemas educacionais estejam preparados para formar cidadãos emancipados sobre a influência e o consumo das mídias. Logo, as instituições escolares devem ensinar, como aponta Belloni (2009, p.10), aos educandos que também são os usuários dessas tecnologias a buscarem o conhecimento “[...] de modo criativo, crítico, competente”. Além disso, deve-se pensar em como possibilitar a democratização neste acesso. A esse respeito, a escola é um espaço de legitimação do saber e da formação, e a inserção das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação¹ (TDICs) torna-se fundamental, como ressalta Belloni (2009):

[...] a escola deve integrar as tecnologias de informação e comunicação porque elas já estão presentes e influentes em todas as esferas da vida social, cabendo à escola, especialmente à escola pública, atuar no sentido de compensar as terríveis desigualdades sociais e regionais que o acesso desigual a estas máquinas está gerando (Belloni, 2009, p.10).

Ainda segundo Belloni (2009) para que essa articulação pedagógica seja realizada com êxito, é preciso um método adequado e o domínio das TDICs no cotidiano da escola, cabendo a instituição escolar realizar essa integração de modo criativo, crítico e ético. Aliado a esse processo formativo Rivoltella (2012) afirma que o trabalho com a mídia-educação deve acontecer “para”, “com” e “através” da mídia:

¹ Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) são mensagens e informações codificadas em números, estas são um tipo de linguagem que são traduzidas digitalmente por uma combinação binária constituída por dois dígitos: 0 e 1, e a sua codificação possibilita a transformação dessas informações em textos, imagens ou sons (Lévy, 2010, p. 52-53).

[...] A educação ‘para’ a mídia diz respeito à apropriação crítica sobre os conteúdos, sobre as mensagens. A educação ‘com’ a mídia é o uso da mídia como ferramenta didática, como instrumento de apoio para o professor que está atuando na sala de aula (por exemplo, com projetor multimídia, computador). [...] a educação é também educação ‘através’ da mídia. Essa última dimensão diz respeito, sobretudo, à habilidade de produção na escola, onde a educação acontece por meio do trabalho que organizamos e propomos às crianças e jovens em sala de aula (Rivoltella, 2012, p.23).

Dessa forma, a inserção das mídias na educação contribui para a formação de sujeitos que se apropriam do conteúdo e da informação de forma crítica. Capazes de dominar as mídias e as tecnologias como ferramenta didática. Que superam a condição de meros receptores da informação, vindo a tornarem-se produtores críticos e responsáveis de conhecimento.

A educação física escolar não está isenta das transformações tecnológicas e das influências midiáticas, como ressaltam Camilo e Betti (2010, p.127):

[...] Tal fato pode ser observado em revistas, jornais, programas televisivos, internet, videogame, entre outros. As pessoas conversam sobre o que assistem na TV (sobre os diferentes programas) ou leram nos jornais. Trocam idéias e discutem opiniões baseadas nas informações veiculadas por esses meios. Emocionam-se, ficam indignadas, divertem-se e entretêm-se com os programas e matérias televisivos de diversos gêneros. A presença das mídias (o que inclui os conteúdos veiculados) exerce relevante influência nos processos de significação da sociedade como um todo. Poderíamos dizer que elas também constroem a cultura corporal de movimento.

Ao tratar da educação física na escola, é necessário trazer questionamentos quanto ao uso da tecnologia em suas aulas. Deve-se apresentar para os alunos que o uso dessa ferramenta pode vir a contribuir no estudo. Mas, devem ser mediadas pelos professores, para que os assuntos e os conteúdos sejam relevantes para o tema abordado na aula, assim, possam contribuir na interação e aprendizagem dos educandos. Sobre essa relação entre a escola e as mídias Betti (2001) ressalta que:

[...] o professor, pela experiência e sabedoria, deve exercer um papel de mediador entre as mídias e os alunos. Não pode, portanto, ter uma posição de negação ou preconceito com relação a elas; pelo contrário, deve expor-se às mídias, possuir uma atitude de presença e não de distância no mundo das mídias, mas sem abrir mão da exigência de qualidade, recusando o que é muito superficial ou manipulador (Betti, 2001, p. 126).

Além disso, Betti (2001, p.127) ressalta a importância da criticidade neste processo de “[...] articulação pedagógica entre vivência corporal/conhecimento/reflexão, referenciando-se à cultura corporal de movimento [...]”, para assim conseguir se ter uma relação frutífera entre a Educação Física escolar e as tecnologias.

Para ocorrer a inclusão das TDICs na Educação Física escolar, Faganello-Gemente, Silva e Matthiesen (2020, p.581) ressaltam a importância do “[...] diálogo entre professores e estudantes acerca das TDICs e as práticas corporais [...]” e a criação destas estratégias devem ser “[...] de modo a fazer com que os estudantes se sintam identificados e reconhecidos com o processo pedagógico [...]”. Junto a isso, Fantin (2011) salienta para uma “formação de um usuário ativo, crítico e criativo” e que:

[...] as mediações pedagógicas visam capacitar crianças e professores para uma recepção ativa na construção de uma atitude mais crítica em relação ao que assistem, acessam, interagem, produzem e compartilham, visto que a precariedade da reflexão sobre linguagens, conteúdos, meios e interesses econômicos impede uma compreensão mais rica (Fantin, 2011, p.28).

Nesse sentido, Kenski (2007) aponta que há uma indissociação entre a educação e as tecnologias, ou seja, é preciso que se utilize da educação para se ensinar sobre tecnologias, assim como, também pode-se utilizar-se de tecnologias para se obter conhecimentos sobre a educação.

As TDICs são ferramentas tecnológicas que podem auxiliar os professores não só de educação física, mas também de outras disciplinas, visto que, podem ser utilizadas como recursos pedagógicos capazes de potencializar o processo de ensino e aprendizagem nas escolas. Ressaltando, que o aluno é quem deve ser o protagonista no processo educativo, cabendo ao docente promover, como afirmam Pischetola e Miranda (2019), uma prática pedagógica mais propositiva a partir de metodologias para serem suas aliadas, com aulas mais atrativas, interativas, dinâmicas, que estimulem os alunos a terem autonomia crítica e a desenvolverem-se como autores e criadores de conhecimento. Sobre essa perspectiva, de acordo com Champagnatte e Nunes (2011) no caso dos vídeos, ao utilizarem-se deles em suas aulas, os professores devem incitar discussões e críticas sobre o assunto trazido por ele, e não apenas torná-lo como um conteúdo meramente ilustrativo.

Complementando esse processo de ensinar e aprender mediado pela presença das tecnologias, Bianchi (2009, p.15) salienta que “toda proposta de uso de tecnologias na educação deve ter como pressuposto a aposta na melhoria no processo educacional”. Nesse sentido, para se conseguir alcançar os objetivos educativos com o uso das tecnologias, os ambientes de aprendizagem devem planejar, organizar e criar condições favoráveis que permitam aos professores e alunos alcançarem esses objetivos. Como por exemplo, em relação a infraestrutura das salas de aula, os materiais/equipamentos e o incentivo a capacitação continuada dos professores.

Sabemos que a sociedade da qual fazemos parte é permeada por tecnologias. Vivemos numa sociedade digital, na qual existe uma certa facilidade no acesso dos estudantes quanto à informação e comunicação. Embora a realidade no cenário brasileiro quanto ao acesso à internet e a infraestrutura apresentem desigualdade, como demonstra Garofalo (2022) “No Brasil, 81% da população com 10 anos ou mais usam a internet, mas somente 20% tem acesso a ela com qualidade”. Isso demonstra que precisamos de investimentos em políticas públicas que incentivem a educação digital para além da escola, que possam contribuir na vida dos educandos e reverter a disparidade nesse acesso.

Além disso, mesmo que seja muito comum ver alunos com algum telefone celular na mão, geralmente, eles o utilizam para realizarem “buscas na internet” sem uma orientação pedagógica correta para fins escolares, ou então, utilizam como entretenimento ou apenas para navegarem em redes sociais. Por isso, se faz necessário, como afirma Belloni (2009, p.45) de uma “[...] educação para as mídias ou a mídia-educação [...]” buscando assim um domínio e um refinamento crítico sobre os meios de comunicação, pois assim possibilitamos uma educação para a emancipação e para a cidadania.

Assim sendo, a presente pesquisa, tem a premissa de aproximar os professores de Educação Física escolar com as TDICs, para que estas possam colaborar no processo de ensino-aprendizagem no contexto metodológico, crítico e produtivo de conhecimento para trabalhar a temática sobre a inclusão escolar por meio das mídias. Além de contribuir de forma interativa, criativa e dinâmica, muita informação na formação de sujeitos emancipados, esclarecidos, éticos e atuantes para o exercício da cidadania.

2.2 INCLUSÃO ESCOLAR

Ao tratar sobre a inclusão escolar, primeiramente faz-se necessário o entendimento do que é inclusão social. Acerca deste assunto, Sasaki (1997) aborda que é o processo pelo qual todas as esferas sociais, seja a escola, o trabalho, o lazer, e outros, devem estar adequados, equiparados e acessíveis para todas as pessoas, possibilitando a igualdade de oportunidades para toda a diversidade humana, atendendo a todas as necessidades e especificidades, viabilizando assim o desenvolvimento em todos os aspectos da vida.

Foram longos anos de luta e de processo para se chegar a garantia em lei de uma educação efetivamente inclusiva para todos, sem distinção, classificação e/ou segregação no Brasil. Em 6 de julho de 2015, foi criada a Lei nº 13.146 - Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Estabelecendo em seu Capítulo IV, artigo 27º:

Art. 27º - A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

A mesma Lei também orienta que os sistemas educacionais devem aprimorar-se para garantir condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem aos estudantes com deficiência. Bem como, promover a inclusão plena, ofertando serviços e recursos de acessibilidade, visando eliminar barreiras.

Um advento fundamental para a criação dessa lei no Brasil, foi a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 2006. Esta que, foi ratificada como Emenda Constitucional no Brasil pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 e o Decreto Executivo nº 6.949/2009, veio a estabelecer e assegurar, conforme o seu artigo 24, um sistema de educação inclusiva em todos os níveis de ensino. Assim como, orientou ações para a participação efetiva das pessoas com deficiência em uma sociedade com igualdade de oportunidades. Sendo essas medidas necessárias para maximizar o desenvolvimento acadêmico e social de se atingir uma inclusão plena (ONU, 2006).

É importante que sejam mencionados alguns caminhos percorridos para a evolução da educação inclusiva no Brasil, a fim de se chegar aos tempos atuais com a conquista da educação para todos nas escolas comuns. Uma breve sequência será apresentada até a Lei nº 12.764 que dispõe sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), temática presente no curta-metragem deste trabalho.

O primeiro passo foi com a criação da Constituição Federal (Brasil, 1988), que veio garantir o direito à educação e o acesso à escola para todos. Depois, em 1990, com a Lei nº 8.069 conhecida como Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que garante para as crianças com deficiência o atendimento educacional especializado preferencialmente na rede regular de ensino. Um outro feito foi a Lei nº 9.394, Lei de

Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB de 1996) que assegura aos educandos com necessidades educacionais especiais a organização específica dos currículos, métodos, técnicas e recursos educativos para atenderem às suas necessidades; uma outra conquista foi em 2002 com a Lei nº 10.436 que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão.

A Lei nº 12.764 Lei Berenice Piana (leva o nome de uma mãe militante da causa) foi implementada em 2012, para os efeitos legais, essa Lei considera a pessoa com o espectro autista sendo uma pessoa com deficiência. Quanto à educação nas classes comuns de ensino regular, ela traz o direito a acompanhante especializado em casos de comprovada necessidade.

Sobre a contribuição do mediador na escola, Mousinho et al. (2010, p. 95) destaca:

A principal função do mediador é ser o intermediário entre a criança e as situações vivenciadas por ela, onde se depare com dificuldades de interpretação e ação. Logo, o mediador pode atuar como intermediário nas questões sociais e de comportamento, na comunicação e linguagem, nas atividades e/ou brincadeiras escolares, e nas atividades dirigidas e/ou pedagógicas na escola. O mediador também atua em diferentes ambientes escolares, tais como a sala de aula, as dependências da escola, pátio e nos passeios escolares que forem de objetivo social e pedagógico [...]. Mediadores escolares também prestam apoio aos professores em sala de aula. Eles ajudam com as atividades e trabalhos de adaptação individualizada, a fim de permitir que os professores ganhem tempo com as demais atividades do dia a dia. Podem ajudar e apoiar as crianças na aprendizagem e aplicação de material de classe. Também proporcionam aos alunos uma atenção individual, quando os alunos estão tendo dificuldades com o material proposto para o resto do grupo [...].

Essa mesma Lei nº 12.764 também consolida uma sanção aos gestores das escolas, ou autoridade competente, que se recusarem a matricular alunos com TEA, ou com outros tipos de deficiência. A punição é de uma multa de três a vinte salários mínimos.

Embora tenhamos conquistado o acesso das pessoas com deficiência nas escolas comuns / de ensino regular, ainda temos muito em avançar. Um dos avanços, está no debate sobre integração x inclusão. Visto que, os dois termos apesar de terem significados parecidos “são empregados para expressar situações de inserção diferentes e fundamentam-se em posicionamentos teórico-metodológicos divergentes” (Mantoan, 2015, p.26).

Integração, está associado ao modelo anterior ao da Inclusão, onde os estudantes com deficiência eram inseridos em escolas comuns, ou segregados em escolas especiais, além dos alunos também poderem transitar em ambas as modalidades de ensino. Mas, não eram todas as pessoas com deficiência que podiam ter acesso às escolas comuns, pois havia uma seleção dos que estariam aptos para serem inseridos. Além disso, Mantoan (2015) aponta que a escola não mudava a sua estrutura educacional para receber os alunos com deficiência, eram eles quem deveriam procurar se adaptar nessas instituições.

Na inclusão escolar, o objetivo é incluir todas as pessoas no ensino regular, sem distinção. É não deixar ninguém de fora das salas de aula comuns em diferentes níveis e etapas de ensino. A inclusão leva em consideração as necessidades de todos os alunos, para que todos possam aprender de forma democrática. Além do mais, no modelo de inclusão, é a escola quem vai se adaptar para propiciar um ensino de qualidade e acessível para os estudantes com deficiência, diferentemente como ocorre/ocorreu com o modelo de integração.

Desta forma, o modelo escolar inclusivo é o ideal porque ele é amplo, é o que vai além da obrigatoriedade da inclusão na escola. Ele fomenta mudanças paradigmáticas nos sistemas educativos e contribui no desenvolvimento social e cognitivo de todos os educandos, sem exceção. Uma vez que, as políticas públicas, como as citadas anteriormente, já garantem os direitos das pessoas com deficiência nas instituições de ensino regular, assim, há um compromisso com a implementação e a efetivação de práticas educacionais inclusivas.

2.3 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Moreira e Sallum (2023) trazem a seguinte definição atualizada em um modelo social e baseada em pesquisas recentes sobre o autismo:

[...] é uma variação neurológica humana natural, caracterizada por níveis elevados de conexões em determinadas regiões do cérebro. Apesar de o fenômeno ainda não ser integralmente conhecido, muitas vezes, esse excesso de conectividade cerebral provoca uma sobrecarga sensorial, motora e cognitiva. Isso reduz a atenção e a energia disponíveis para concentração em interações sociais, atividades e fatos diversos. Por isso, as pessoas autistas necessitam de adaptações, por exemplo, na escola e na faculdade, de acordo com suas características e necessidades (Moreira e Sallum, 2023, p.6).

Conforme abordam Moreira e Sallum (2023), numa visão de um modelo médico, o critério sintomatológico de identificação do autismo está no Manual de Diagnóstico e

Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) e no CID-11 (Classificação Internacional de Doenças). Mas, estes manuais trazem critérios ainda cercados de paradigmas que, por vezes, ignoram a variedade dentro do espectro autista.

Ainda segundo Moreira e Sallum (2023), o ponto de vista do modelo social, entende o autismo para além do indivíduo, e que o seu comportamento deve ser considerado dentro de um contexto que entenda:

[...] parte do que previamente definíamos como “déficit” no autismo se deve a contextos em que comportamentos típicos são esperados, e em que não existe adaptação para que as potencialidades dos autistas apareçam. Ou mesmo, algumas características que podem ser vistas como disfuncionais na ótica neurotípica pode ser um ponto forte do comportamento de um autista (como, em alguns contextos, os interesses restritos, o perfil mais pragmático de comunicação) (Moreira e Sallum, 2023, p.5).

Ou seja, se trata de um espectro, onde cada pessoa autista é um ser individual que apresenta a sua própria singularidade, tem características únicas, embora compartilhe alguns traços comuns com outras pessoas autistas.

Segundo a *American National Institute of Neurological Disorders and Stroke* apud Nogueira et al. (2024, p.9) o termo espectro diz respeito a uma "ampla variedade de sintomas, habilidades e níveis de deficiência em funcionamento que pode ocorrer em pessoas com TEA". Por isso, o autismo é classificado em três níveis de suporte, que definem “o quanto de ajuda aquela pessoa autista precisa para realizar atividades cotidianas: Nível 1 (pouco suporte); Nível 2 (suporte moderado) e Nível 3 (muito suporte)” (Moreira, 2023, p.8).

Nível 1 de Suporte: Há dificuldade na interação social e em seguir normas sociais; há uma autonomia maior para exercer algumas tarefas. Além do mais, pode ser mais difícil de diagnosticar os autistas desse nível de suporte, pois muitos adotam uma estratégia de “*masking*” uma espécie de camuflagem social, onde há uma imitação dos comportamentos de outras pessoas sem deficiência, desde os anos iniciais de vida para evitarem sofrimento psicológico, exclusão, bullying, preconceito e estresse (Garcia, 2024).

Nível 2 de Suporte: Apresentam comportamento social incomum, dificuldade em se adaptar a mudanças repentinas, rigidez cognitiva e grande interesse por algum objeto ou tema específico (hiperfoco). Há déficits acentuados na comunicação, com respostas

curtas ou consideradas inusitadas. Também estão presentes dificuldades no entendimento da linguagem figurada e expressões faciais, e na tomada de iniciativa para interações sociais (Moreira, 2023; Garcia, 2024).

Nível 3 de Suporte: Apresentam dificuldades mais intensas na sua rotina e há um déficit mais grave na comunicação, com mínimas respostas e iniciativas na interação e conversação. Além disso, podem ser notados comportamentos restritos e repetitivos e preferências pelas não mudanças de rotinas, já que são causadoras de estresse e desconforto (Garcia, 2024).

De acordo com Moreira (2023, p.7) “O autismo caracteriza-se por três grupos de sinais: a) diferenças na comunicação, na linguagem e na interação social; b) comportamentos restritos e repetitivos; e c) alterações sensoriais” No qual, o entendimento sobre tais conceitos relacionados ao TEA é de suma importância para fomentar a inclusão social.

Sobre a comunicação, Gadia, Bordini e Portolese (2013) ressaltam que a fala como forma de comunicação, nunca se desenvolverá em algumas crianças diagnosticadas com TEA. Além disso, as pessoas autistas podem apresentar dificuldade na comunicação “[...] em utilizar com sentido todos os aspectos da comunicação verbal e não verbal. Isto inclui gestos, expressões faciais, linguagem corporal, ritmo e modulação na linguagem verbal” complementa Mello (2007, p.20). Podem apresentar também a Ecolalia Imediata, que é uma linguagem verbal que repete as palavras ou frases que lhes foram ditas. Ou, a Ecolalia Tardia, quando “[...] repetem frases ouvidas há horas, ou até mesmo dias antes [...]” (Mello, 2007, p.20).

As pessoas autistas também podem apresentar, como aborda Moreira (2023, p.7) “[...] diferenças na interação social e na compreensão de regras sociais não-verbais [...] como, por exemplo, o ato de evitar contato visual e a dificuldade em entender sarcasmos e piadas”.

Quanto aos comportamentos restritos e repetitivos, Gadia, Bordini e Portolese (2013, p.18) destacam que:

Crianças, adolescentes e adultos diagnosticados com autismo podem apresentar menor habilidade no controle muscular e exibir comportamentos estranhos como movimentos repetitivos sem nenhum motivo aparente. Podem passar horas alinhando seus carros e trens, ao invés de usá-los para brincar. Se

alguém move um dos brinquedos, a criança pode ficar tremendamente chateada e irritada. Crianças com autismo, muitas vezes, precisam e procuram ter previsibilidade do seu ambiente. Uma pequena mudança em qualquer rotina como fazer refeições, vestir-se, tomar banho, ir para a escola em um horário diferente do predeterminado e fora do caminho habitual, pode ser extremamente perturbadora.

Para a autora Moreira (2023, p.7) as estereotípias, que são “[...] movimentos repetitivos que alguns autistas podem exibir, como balançar o corpo, balançar as pernas ou girar objetos. É um comportamento natural e importante para pessoas autistas, relacionado à regulação emocional”.

No que se refere às alterações sensoriais, as pessoas autistas, como versa Moreira (2023) captam mais informações em seus sentidos, e seus estímulos sensoriais apresentam hiper e/ou hipossensibilidade, de modo que a exposição a por exemplo sons, texturas, ruídos, luzes, entre outras, de forma excessiva, pode causar uma sobrecarga sensorial e gerar crises sensoriais:

Crises sensoriais, emocionais, cognitivas e/ou sociais: trata-se de uma reação ao estresse, à sobrecarga sensorial, ao excesso de demandas sociais, à imprevisibilidade, entre outros fatores. Os tipos mais comuns são *meltdown* e *shutdown*. *Meltdown* é uma crise em que uma pessoa autista perde o controle sobre suas emoções, o que pode gerar explosões de raiva, choro, agressividade e/ou comportamentos autolesivos. *Shutdown* é uma crise em que uma pessoa autista se desconecta do ambiente ao seu redor, de maneira a se isolar, ficar em silêncio etc (Moreira, 2023, p.7).

Portanto, em situações que ocorram tais crises, gerando reações/comportamentos especificados como “*meltdown*” e/ou “*shutdown*”, cabe compreensão e paciência até que a pessoa em crise volte a se sentir segura e calma.

Quanto ao diagnóstico do TEA, este se dá através dos critérios que estão no DSM-5, que foi elaborado pela Associação Americana de Psiquiatria. O diagnóstico é realizado por meio da observação do comportamento da pessoa, ou seja, o diagnóstico do autismo é clínico, não existem exames laboratoriais para tal. Conforme sejam observadas características do TEA, há um encaminhamento para um neurologista ou psiquiatra para que estes especialistas possam emitir um laudo de autismo. Este documento/laudo médico é importante para a garantia de direitos e acesso a serviços públicos (Cartilha do Autista, 2023; Nogueira et al., 2024).

O nível intelectual das pessoas com TEA “[...] pode variar desde o comprometimento profundo até a presença de boas aptidões cognitivas” conforme aponta

Mello (2007, p.16). Como forma de redução das dificuldades de comunicação e do comportamento social, “intervenções psicossociais baseadas em evidências, como terapia comportamental e programas de treinamento para pais [...]” podem contribuir para uma melhor qualidade de vida e bem-estar tanto das pessoas com TEA como também de seus cuidadores, complementa Mello (2007, p.16).

Um estudo de Rosa Neto et al., (2013) afirma que as crianças com TEA apresentam déficits motores nos quais afetam a motricidade fina, a motricidade global, o equilíbrio, o esquema corporal, a organização espacial, a organização temporal e a lateralidade. Esse estudo também aponta a importância do estímulo motor a partir de atividades lúdicas para o desenvolvimento e aprimoramento de habilidades motoras. Com base nisso, é de fundamental importância a contribuição das aulas de Educação Física nas escolas para fomentar essas atividades.

Para possibilitar uma educação com qualidade e igualdade de condições para os educandos, os professores, seja de Educação Física ou qualquer outra disciplina, devem fomentar a inclusão plena. No que concerne o autismo, além de buscarem conhecer e garantir os direitos das pessoas autistas, precisam criar, como aborda Moreira (2023) adaptações pedagógicas, tais como: com métodos e recursos diversificados para colaborar com os estudos; materiais que possam auxiliar os estudantes; tempo adicional para provas ou tarefas; flexibilização para trabalhos em grupo ou não conforme a preferência do estudante autista; simplificação da linguagem para um melhor entendimento; e paciência.

Para mais, é necessário reconhecer dentro do processo de ensino-aprendizagem “[...] as potencialidades e subjetividades únicas dos estudantes autistas. Cada indivíduo traz consigo um conjunto diverso de habilidades, talentos e perspectivas que podem enriquecer o ambiente educacional de maneira significativa” (Moreira, 2023, p.20).

É importante ressaltar que sobre o uso das terminologias corretas, Sasaki (2002) destaca que falar ou escrever sobre os termos corretos, é importante para que ocorram mudanças de paradigmas que estão atreladas aos termos incorretos, como em conceitos obsoletos perpetuados em preconceitos, estigmas e estereótipos vigentes a época de uma sociedade que não era inclusiva. Logo, o cuidado com a linguagem é imprescindível para a construção de uma sociedade inclusiva. Uma dessas mudanças é quanto ao termo “portadores de deficiência” visto que, tal termo passava a ideia de que a deficiência era

uma coisa que poderia ser portada ou não. Desde a década de 90 até os tempos atuais, o termo correto é “pessoa com deficiência” o qual entende a deficiência como uma condição da pessoa.

No que tange o TEA, a partir dos estudos realizados para este trabalho, os termos pelos quais iremos utilizar para nos referirmos às pessoas autistas será o que compreendemos ser os mais atualizados, pois veem a pessoa antes de sua deficiência, no quais são os termos “pessoa com transtorno do espectro autista” e “pessoa autista” conforme abordam os autores Nogueira et al., (2024) e Moreira (2023).

Cabe salientar que ao nos referirmos a uma pessoa que não tenha deficiência, o termo correto é “pessoa sem deficiência”, posto que, pessoas sem informação utilizam expressões preconceituosas sobre “típicos” ou “atípicos” relacionado a pessoas, o que é antiquado e recusável.

Uma outra atenção que se faz necessária ser ressaltada, é quanto ao paradigma dos símbolos, visto que já foi utilizado um “quebra-cabeça” no formato de um laço na cor predominantemente azul para representar o TEA, pois acreditava-se que o autismo era um enigma a ser concluído (Moreira e Sallum, 2023). Mas, esse símbolo está inadequado, porque ele traz uma visão capacitista² sobre as pessoas autistas, como se fossem incompletas ou que não se encaixariam na sociedade, além do mais, a cor azul é geralmente associada ao sexo masculino, logo, estaria excluindo as meninas e as mulheres da comunidade autista. Então, foi criado um símbolo mais inclusivo que considera todas as pessoas autistas, independentemente de seu gênero, entre outros, este é na forma de um infinito em arco-íris. O infinito representando todo o espectro autista e o arco-íris todo o espectro da neurodiversidade (Moreira e Sallum, 2023).

2.4 “NADA SOBRE NÓS, SEM NÓS” – A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE NO CINEMA, QUE GANHOU VISIBILIDADE NO CURTA-METRAGEM LOOP (2020)

O lema *Nothing About Us Without Us* “Nada sobre nós, sem nós” reivindica o reconhecimento e a inclusão das pessoas com deficiência como seres humanos que podem

² Segundo Nogueira et.al., (2024, p.11) “O capacitismo é a desqualificação e discriminação das pessoas com deficiência [...]”.

falar, se expressar e tomar decisões por si e pela sua comunidade. Sasaki (2007) discorre que a data mais antiga registrada com esse lema ocorreu em 1986, adotada pela organização não-governamental Pessoas com Deficiência da África do Sul (*Disabled People South Africa – DPSA*), em reconhecimento a história de lutas e avanços sobre a temática no país, e que foram descritas por William Rowland, um notável ativista negro com deficiência sul-africano no artigo “Nada Sobre Nós, Sem Nós: Algumas Reflexões Históricas sobre o Movimento da Deficiência na África do Sul.

Durante a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, organizada pela ONU em 2006, o lema “Nada sobre nós, sem nós” emergiu com uma maior entonação para todos os países e foi adotado na Convenção sob a seguinte reflexão “[...] as pessoas com deficiência devem ter a oportunidade de participar ativamente das decisões relativas a programas e políticas, inclusive aos que lhe dizem respeito diretamente” (Sasaki, 2007, p.27). Desde então, abriu-se um caminho para dar protagonismo e a plena participação de todas as pessoas com deficiência em todos os assuntos e decisões sobre os seus interesses e direitos.

É nesse contexto que se insere a representatividade das pessoas com deficiência no cinema, e que ganhou visibilidade na trama *Loop* (2020), que é o primeiro curta da Pixar que a personagem é autista não verbal, e que segundo Rissato (2023) o curta-metragem foi revisado pela ONG *Autistic Self Advocacy Network* (ASAN) sendo realizada por membros da comunidade autista. Além disso, o curta foi dublado por uma atriz autista não verbal, que conforme Antunes (2020) a menina se chama Madison e as gravações ocorreram dentro de sua própria casa, para que o ambiente ficasse mais agradável para ela, além de evitar possíveis distrações e incômodos. Com isso, toda produção foi pensada para garantir autenticidade e representatividade correta para a história, de mais a mais, gerou oportunidade de trabalho para os envolvidos.

2.5 CURTA-METRAGEM COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA PARA UMA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR INCLUSIVA

Na sociedade contemporânea, as mídias assim como as TDICs são uma realidade muito presente no cotidiano dos sujeitos, seja dentro ou fora das instituições escolares. Como já abordado anteriormente sobre a importância da mídia-educação na educação

física escolar, o recurso do curta-metragem (o vídeo) como estratégia pedagógica nas aulas é uma dessas possibilidades para serem inseridas e articuladas ao ensino-aprendizagem, pois possibilita informações e problematizações de forma interativa entre os educandos e os docentes.

A escola, como aborda Saviani (2011) tem uma função social, é uma instituição privilegiada para propiciar o saber sistematizado, o conhecimento elaborado e a cultura erudita. Ainda conforme o autor, é necessário viabilizar as condições para o acesso a esse saber escolar, dosando e sequenciando esse conhecimento para que a transmissão e assimilação com os educandos ocorra de maneira gradativa, do seu não domínio ao seu domínio. Junto a isso, Libâneo (2006) aponta mudanças no acesso ao conhecimento que influenciam na aprendizagem escolar marcada por novas formas comunicativas trazidas pelos mais jovens nascidos e criados na era digital, e que os educadores devem ter um novo olhar pedagógico para mediar esse universo de informação veiculados pelas mídias a fim de contribuir na formação de receptores conscientes e críticos.

Nessa perspectiva Libâneo (2006) afirma:

A aprendizagem é um processo socialmente mediado, os sentidos e significados são sociais, de modo que a interatividade entre professor e alunos e entre alunos põe-se como requisito metodológico do bom ensino. As aulas, portanto, devem ser concebidas como processo comunicacional, exigindo dos professores que aprendam a se comunicar, a se relacionar, a ouvir. Os alunos precisam ser incentivados a perguntar, a argumentar, a discutir com argumentos, a desenvolver a capacidade de verbalização (Libâneo, 2006, p. 39).

Dessa forma, se faz necessário que outras linguagens sejam incorporadas na metodologia das aulas, como traz a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2017), documento nacional que orienta o trabalho docente e define as aprendizagens essenciais aos educandos. Trazendo entre as dez competências gerais para as três etapas da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), duas competências, a 4 e a 5, que ressaltam:

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (Brasil, 2017, p.7).

Nesse contexto, a escola tem o compromisso de promover uma educação integral aos educandos, assumindo uma visão plural, que reconhece as singularidades e as diversidades. Assim, a escola deve ser um espaço democrático, de aprendizagem inclusiva, que respeita as diferenças (Brasil, 2017).

Historicamente, o esporte sempre foi, e ainda persiste sendo uma hegemonia como um dos conteúdos mais trabalhados nas aulas de educação física escolar, principalmente os esportes tradicionais e/ou convencionais com modalidades conhecidas como o “quarteto mágico” futebol/futsal, voleibol, basquetebol e handebol, como aborda Bracht (2010). Construindo, assim, “[...] uma cultura esportiva na Educação Física, respaldada no prestígio e importância social, política e econômica do esporte, aspecto que se consolidou também no imaginário social mais amplo da população” (Bracht, 2010, p.2). Além do mais, essas modalidades incitam a esportivização com aulas voltadas apenas para a aptidão física, conceitos sobre as regras preestabelecidas dos esportes e a competição.

Precisamos compreender que a Educação Física vai muito além disso, sendo necessário uma superação dessa construção histórica reducionista, pois temos uma ampla cultura de movimento³ que pode e deve fomentar a participação de todos nas aulas sem que haja exclusão e/ou segregação com relação à diversidade humana e as suas necessidades específicas de aprendizagem. É importante esclarecer que as modalidades citadas podem e devem ser adaptadas no que tange a inclusão, assim como, outros conteúdos esportivos devem ser apresentados nas aulas, como por exemplo as modalidades paralímpicas, tais como: goalball, vôlei sentado, paratletismo, entre outras. Além do mais, também cabe ressaltar a importância para que outros conteúdos além dos esportes sejam trabalhados nas aulas, visto que “[...] a Educação Física é uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica [...]” (Soares et al., 1992, p.33).

³ “[...] a pedagogia que estuda os esportes para a Educação Física deve estudar o homem que se movimenta, relacionado a todas as formas de manifestação deste se-movimentar, tanto no campo dos esportes sistematizados, como no mundo do movimento, do mundo vivido, que não abrange o sistema esportivo. Ou seja, na família, no contexto onde vive, no trabalho, etc., pois o homem continua um ser que se-movimenta mesmo quando ele age fora dos contextos materiais previamente estabelecidos para a prática do esporte” (Kunz, 1994, p.68).

Diante disso, sabemos que há uma urgência em debates sobre a temática da inclusão como apontam Mantoan, (2015), Sasaki, (2007), Silva, (2023) e Oliveira, (2023) para propiciar aulas mais inclusivas que poderão contribuir para a formação de cidadãos mais inclusivos e conseqüentemente uma sociedade inclusiva. Aulas essas, que visam o respeito e a singularidade de cada aluno, onde possibilite a sua participação de forma efetiva nas atividades propostas, e assim, contribua para uma sociedade mais justa, consciente, respeitosa e igualitária. Nesse sentido, há curtas-metragens, como o “*Loop*, 2020” que possibilitam discutir e refletir de forma pedagógica, temáticas que são necessárias para a ampliação do conhecimento e o enfrentamento de estigmas, preconceitos, discriminações e paradigmas que estão presentes na sociedade, como ressalta a BNCC:

As experiências das crianças em seu contexto familiar, social e cultural, suas memórias, seu pertencimento a um grupo e sua interação com as mais diversas tecnologias de informação e comunicação são fontes que estimulam sua curiosidade e a formulação de perguntas. O estímulo ao pensamento criativo, lógico e crítico, por meio da construção e do fortalecimento da capacidade de fazer perguntas e de avaliar respostas, de argumentar, de interagir com diversas produções culturais, de fazer uso de tecnologias de informação e comunicação, possibilita aos alunos ampliar sua compreensão de si mesmos, do mundo natural e social, das relações dos seres humanos entre si e com a natureza (Brasil, 2017, p.54).

Dessa forma, a presente pesquisa propõe a discussão/exibição do curta-metragem “*Loop*” nas aulas de educação física escolar, visto que, possibilitará aos educandos informações e de mesmo modo, estimulará a interação nas aulas e contribuirá para a construção de novos conhecimentos. Como a duração da obra audiovisual de um curta é igual ou inferior a quinze minutos (Ancine, 2010), tal curto tempo de exibição pode vir a contribuir para uma maior concentração dos educandos e posteriormente mais tempo para as discussões das problemáticas encontradas e atividades a serem desenvolvidas.

O cinema é uma arte eminentemente pedagógica que tem um papel social e educativo, “ver filmes, é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais” (Duarte, 2002, p.17). Duarte (2002) também salienta que através da contação de histórias, a humanidade sempre transmitiu conhecimento e ensinou valores aos mais jovens, e o cinema tem esse caráter de entrever ensinamentos, atitudes, crenças e princípios através dos filmes. Além disso, para haver um entendimento sobre a obra fílmica, é preciso revê-la, debatê-la, trocar conversas e reflexões com outros

espectadores, entre outras buscas sobre o filme em questão, como críticas, premiações e etc.

Para tanto, de acordo com Viana (2009) ao assistirmos a um filme, é fundamental que tenhamos um olhar crítico para este, pois assim, teremos uma ampla compreensão da obra cinematográfica, e, além do mais, poderemos superar as outras formas de assistência que são limitadas por não possuírem um caráter crítico. Assim sendo, “a assistência crítica é aquela que é uma práxis, isto é, quando o indivíduo a exerce, o faz com uma finalidade pré-determinada” (Viana, 2009, p.49). Também se faz necessário, que tenhamos um senso crítico para problematizar a assistência fílmica, onde, é preciso levantar questionamentos sobre o filme, e que a assistência feita a este possa nos despertar a um desejo de transformação social, pois com a prática, a reflexão, e a interpretação a partir da assistência crítica, não seremos mais os mesmos antes e depois dessa forma de assistir a um filme. Com isso, realizada a assistência crítica, chegamos à etapa da reflexão sobre o filme “a reflexão sobre o filme é facilitada após seu término e é o momento mais importante da assistência como práxis” (Viana, 2009, p.78).

Assim, o cinema é uma arte que exprime por meio de filmes, curtas-metragens, documentários, entre outros, como abordados nos trabalhos de Fu Ho Shin et al. (2022) e Tinôco, Batista e Araújo (2021) contribuições sobre diversas temáticas para as aulas de Educação Física Escolar. Do mesmo modo, o curta em questão *Loop* (2020) também pode ser trabalhado nas aulas a fim de conseguir passar importantes mensagens, significados, informações, problemáticas, valores, entre outras possibilidades para desdobramentos e aprofundamentos em debates nas escolas.

3. METODOLOGIA

Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa qualitativa e propositiva. Com base na abordagem qualitativa de (Minayo, 2002) procura entender e responder a questões das ciências sociais “com um nível de realidade que não pode ser quantificado” (Minayo, 2002, p.21). Minayo (2002, p.22) também salienta que há um aprofundamento “[...] no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” na pesquisa qualitativa.

O presente trabalho também se apresenta como propositivo, visto que, será apresentada uma proposta de intervenção para as aulas de educação física escolar a partir do curta-metragem analisado.

Destarte, para a análise dos dados obtidos com o curta-metragem, tomamos como referência a Análise de Conteúdo de Bardin (2016) que discorre definindo que o objeto da análise de conteúdo é a fala, onde busca-se uma compreensão observável “[...] leva em consideração as significações (conteúdo), eventualmente a sua forma e a distribuição desses conteúdos e formas (índices formais e análises de concorrência)” (Bardin, 2016, p.49). Ainda segundo Bardin (2016, p.50) “a análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça”. A análise de conteúdo visa conhecer as variáveis das esferas psicológicas, sociológicas, históricas, etc. Dessa forma, o objetivo da análise de conteúdo “[...] é a manipulação das mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo) para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem” (Bardin, 2016, p.52).

Os procedimentos realizados para organizar a análise deste trabalho foram da seguinte forma: primeiramente realizou-se assistências críticas sistematicamente ao curta-metragem *Loop* (2020) para os objetos serem caracterizados e descritos; após, foi efetuada a divisão desses elementos em categorias sendo-os classificados, inicialmente fazendo a separação desses elementos, posteriormente os agrupando, seguindo critérios; durante a inferência, procurou-se uma interpretação refletida sobre o que foi encontrado nas mensagens contidas nas cenas do curta, para assim ser realizada uma busca por respostas ou o que poderia ter levado a tais mensagens, assim como os impactos que elas podem vir a ocasionar; na interpretação foi realizada a significação quanto às características dos

objetos encontrados nas fases de descrição e categorização, com base nas inferências (Bardin, 2016).

O conteúdo analisado é o curta-metragem *Loop* (2020) que aborda a realidade de uma criança com Transtorno do Espectro Autista na sociedade. A obra está disponível em português na plataforma *YouTube*⁴. O curta-metragem foi assistido diversas vezes para que problematizações pudessem ser realizadas e fragmentadas em categorias para serem pesquisadas as suas potencialidades pedagógicas. Após, foi realizado um diálogo com autores que estudam o tema e as suas devidas obras bibliográficas, de forma a contribuir com tais problemáticas encontradas na obra.

⁴ Curta-metragem *Loop* “Fitas” (2020). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i5IPiYpANVs>

4. ANÁLISE DO CURTA-METRAGEM “LOOP”

O curta-metragem escolhido para realizar a análise foi o *Loop* (2020), que no Brasil recebe o título de “Fitas”. O curta é uma obra de animação norte-americana dirigida e escrita por Erica Milsom. É uma produção da *Pixar Animation Studios* e foi distribuída pela *Walt Disney Studios Motion Pictures*, vindo de um projeto chamado *Spark Shorts*, uma parceria entre a *Disney* e a *Pixar*, com foco em produção de curtas-metragens autorais. O curta tem a duração de 8 minutos e está disponível no streaming da *Disney +* e na plataforma do *YouTube* (Rissato, 2023; Sá, 2022).

O enredo da trama apresenta dois personagens apaixonados pela canoagem, Renee e Marcus, como será apresentado na figura 1. Eles são alunos no *Urban Canoe Camp* (Acampamento de Canoas Urbana). É a primeira vez que participam da aula juntos. A Renee é uma criança autista não verbal, e o Marcus é um menino que vai aprender a entender e a se comunicar com a sua nova amiga. É uma obra sensível sobre inclusão, respeito e representatividade, narrando o universo de quem vive dentro do espectro autista.

Figura 1: Renee e Marcus na aula de Canoagem.



Fonte: *Loop*, 2020. Blog da Genial Care, 2023.

Com base na análise realizada com o curta-metragem, foram organizadas duas categorias: Da resistência à aproximação; e Grupos de sinais do espectro autista. A primeira categoria, vem discorrer sobre a resistência quanto a aproximação do menino Marcus em relação a menina Renee. A segunda categoria, apresenta as características que são perceptíveis na menina Renee, perante ao grupo de sinais do TEA. Essas categorias serão relatadas e aprofundadas a seguir.

4.1 DA RESISTÊNCIA À APROXIMAÇÃO

Logo na primeira cena do curta-metragem, como podemos observar na figura 2, o instrutor de canoagem chama o seu aluno Marcus e lhe diz que a sua parceira de canoa para a aula será a jovem Renee. Assim como na figura apresentada (figura 2), na qual a expressão do garoto demonstra surpresa e certa resistência, a sua fala é “a menina que não fala” e “não é você o instrutor?”. Logo, o instrutor sinaliza que ela adora canoa e que o menino deveria tomar a iniciativa de cumprimentar a menina dizendo-lhe um “oi”.

Figura 2: Marcus sendo avisado pelo instrutor/professor sobre a Renee.



Fonte: *Loop*, 2020.

Acerca do que foi apresentado anteriormente e conciliando ao processo de ensino, segundo Rolinski (2010) o professor exerce uma função muito importante para a aprendizagem, que se dá através da mediação do conhecimento. Cabendo ao professor, “[...] como mediador do conhecimento, a incumbência de possibilitar a articulação entre as experiências anteriores e o conhecimento científico, por meio de atividades desafiadoras e estimulantes” (Rolinski, 2010, p.9). Assim sendo, essa mediação se faz necessária, para contribuir na forma como “[...] vemos e compreendemos o mundo e essa

visão é essencialmente determinada pela maneira pela qual aprendemos a aprender esse mundo. ”, conforme salienta Santos (2006). Ou seja, por meio da mediação do conhecimento a qual não foi observada na cena referente a figura 2, o instrutor poderia ter contribuído para a desconstrução do preconceito e a ideia capacitista do Marcus, além de ter possibilitado uma aula inclusiva para ambos os educandos.

Ao tratar sobre a mediação escolar, Orofino (2005, p.64-65) destaca que “[...] a escola é local de encontro de ‘muitas culturas’ que provêm tanto de identidades quanto de diferenças socioculturais, então é preciso buscar sobrepor todas as mediações, em jogo a partir daquele cenário”. A autora defende que “[...] a mídia-educação enquanto campo epistemológico e teórico, ofereça também contribuições de caráter metodológico para que possamos implementar mudanças no sentido da prática em sala de aula”. (Orofino, 2005, p.150). Assim, os educadores precisam assumir os debates sobre as questões da realidade de forma crítica e dialógica, e buscar meios para tais reflexões, como por exemplo, utilizarem vídeos com temáticas no que tange a inclusão e o TEA em suas aulas como a presente pesquisa propõe.

Além disso, Santos (2006) chama a atenção para a necessidade de sete passos para que a aprendizagem se torne concreta e significativa em uma mediação escolar, a qual deve ocorrer uma (re)construção do conhecimento, em um processo de: sentir um significado; perceber o que está sendo estudado; compreender a construção de conceitos; definir os conceitos com as próprias palavras; argumentar sobre os conceitos e relacioná-los logicamente; discutir argumentando e raciocinando tais conceitos e transformar intervindo em uma realidade, que seria propriamente a (re)construção do conhecimento.

Aliado ao que foi apresentado na figura 2, também podemos refletir na importância de conhecimentos metodológicos que possam contribuir para mudanças atitudinais, visto que, é possível observar a falta de capacitação do instrutor para realizar uma mediação assertiva com as crianças e intervir desconstruindo preconceitos e atitudes capacitistas. Diante disso, e pensando em uma mediação escolar, um estudo de Munster (2013) aborda a necessidade de adaptações curriculares e metodológicas no campo da Educação Física visando a inclusão de estudantes com deficiências. Uma das adaptações é quanto à instrução, a forma para os docentes realizarem uma orientação, na qual, possam identificar a preferência ou a necessidade de cada educando quanto à aprendizagem, e assim buscarem o ensino mais adequado. Para garantir uma maior autonomia para as

peessoas com deficiência, algumas técnicas de abordagem são necessárias, conforme aponta (Lieberman, 2002, *apud* Munster, 2013, p.30):

- Orientação verbal: explicar verbalmente, de forma clara e objetiva, o que se espera que o aluno faça.
- Demonstração: exemplificar por meio de ações demonstrativas ou utilização de modelos o que se espera que o aluno desenvolva.
- Assistência física: fornecer assessoria física ou guiar o movimento do aluno conforme a ação esperada, para que ele apreenda o movimento cinesteticamente.
- Brailing: conduzir o aluno a tocar e perceber por meio do tato a execução de um movimento ou habilidade realizado pelo professor ou por um colega.

Junto a isso, Silva (2023) salienta que uma forma dos docentes aprimorarem seus conhecimentos teóricos e práticos, além de adquirirem novas estratégias pedagógicas sobre a Educação Física inclusiva, é através da formação continuada. Essa formação desempenhará:

[...] um papel importante na desconstrução de estereótipos e preconceitos, capacitando os profissionais a criar um ambiente educacional inclusivo e acolhedor, buscando ainda, ampliar a consciência as diferentes formas de deficiência e fornecer estratégias de superação de barreiras físicas, sociais e atitudinais [...] (Silva, 2023 p. 88-89).

Conforme apontado, ao buscarem a ampliação dos seus conhecimentos e a atualização diante de temáticas que são urgentes, como a inclusão e o TEA, os docentes estarão seguros e esclarecidos para realizarem uma mediação escolar inclusiva. Além do mais, a capacitação trará “[...] benefícios tanto para o aluno quanto para o seu grupo com base em suportes que facilite a todos obter sucesso no processo educacional” salienta Favoretto e Lamônica (2014, p.104).

Na figura 3, é possível observar Marcus tentando uma primeira aproximação com a Renee e dizendo-lhe um “oi” ele estende a sua mão para cumprimentar a menina. Mas, a Renee fica receosa e prefere não ser cumprimentada com toque. Em relação ao “toque” se trata de um desafio sensorial “[...] sensações como toques, cheiros, movimentos e ruídos podem ser muito difíceis para pessoas autistas, ou extremamente interessantes” (Nogueira et al., 2024, p.7). Lembrando que o autismo é um espectro, cada pessoa autista pode apresentar um traço diferente, além de “personalidades, interesses, e habilidades diferentes, o que torna cada pessoa autista diferente da outra” como ressalta Martins (2023, p.14). Logo, existem pessoas autistas que podem gostar de abraços e toques, enquanto outras que não.

Figura 3: Primeira aproximação entre Marcus e Renee.



Fonte: *Loop*, 2020.

Pensando em formas de trabalhar a inclusão nas aulas de Educação Física escolar, para que tanto os docentes, como também para que os educandos entendam, respeitem e consigam se comunicar com as pessoas autistas, as autoras Marco, Spalato e Duarte (2013) discorrem sobre mudanças nos comportamentos para o ensino de novas habilidades, as quais seriam necessárias adaptações para tornar o processo mais efetivo. Para tanto, uma dessas mudanças é:

[...] o emprego de frases simples e diretas para facilitar o seu entendimento. O uso de instruções verbais em excesso e de figuras de linguagem, como as metáforas ou ironias, tornam a recepção da informação pouco clara. Vale observar, também, que o professor pode se valer de uma entonação e volume de voz mais acentuados para facilitar o contato, sempre, é claro, pedindo o contato visual e se abaixando na altura em que a criança está para facilitar a interação (Marco, Spalato e Duarte, 2013, p.35).

Na sequência da figura 3, o personagem Marcus pergunta ao seu instrutor “o porquê de ela estar sentada assim” se referindo a Renee, mas ele fica sem uma resposta. O instrutor apenas encoraja a Renee a seguir dizendo-lhe “você consegue” e emite um som como se fosse um latido para dar estímulo a ela. O Marcus fica sem entender a cena e diz “o que”, mas eles seguem na canoa. Sobre essa cena, podemos observar o desconhecimento do menino em relação à Renee, o que sugere a falta de convivência dele com pessoas com o espectro autista. Além disso, foi percebido a falta de mediação do instrutor. Eles não sabem o que fazer e como agir, mas seria importante um conhecimento

prévio para quaisquer situações adversas que poderiam vir a acontecer, como por exemplo, se a canoa viesse a afundar.

Sobre o que foi apresentado anteriormente, Portolese e Spalato (2013) salientam a importância do contexto escolar para o desenvolvimento social da criança e do adolescente com TEA, na escola aprendem a assimilar normas, valores e são incentivados a interagir com outras pessoas. Para contribuir com o desenvolvimento social de todos os educandos, os docentes devem utilizar-se de estratégias de habilidades sociais como:

- ❖ [...] mostrar ao aluno como fazer ao entrar na escola: cumprimentos, despedidas, reconhecer e nomear as emoções em si e no outro. Mostrar comportamentos e atitudes que podem ser agradáveis (fazer perguntas, responder às solicitações, oferecer ajuda, elogiar), bem como o que o outro pode não gostar que ele faça, por exemplo: falar virado de costas.
- ❖ Incentivar as brincadeiras em duplas e em situações estruturadas (incentivar que o colega o acompanhe para beber água).
- ❖ Ensiná-lo a como seguir as instruções e regras. Para isso, desenhos e imagens podem ajudá-lo.
- ❖ Ensinar a imitação motora durante a realização das tarefas em classe e fora da sala de aula [...] (Portolese e Spalato, 2013, p.49).

Tais mudanças nos comportamentos e incentivos à interação social, possibilitam um melhor aprendizado e contribuem para a qualidade de vida das pessoas com TEA na sociedade.

Percebemos que parece ser a primeira vez que o menino interage com uma pessoa que não se comunica oralmente, a resistência apresentada por ele, pode estar relacionada ao desconhecimento do novo, de como agir com o outro sendo diferente dele e dos padrões sociais que ele está inserido. Além do mais, espera-se que o instrutor tenha mais conhecimento e saiba ensinar o seu aluno sobre inclusão e aponte caminhos de como proceder. Ao contrário, percebe-se que ambos, o Marcus e o instrutor, não sabem como agir, falta formação e convivência para os dois.

Sobre a constatação anterior, que retrata a falta de conhecimento dos personagens Marcus e do seu instrutor perante as pessoas com deficiência, de acordo com Haber (2023) através da educação é possível combater e evitar o capacitismo, mas para isso, “é importante reconhecer que ele existe e trabalhar para que ele diminua ou acabe” logo, se faz necessário que ações aconteçam em escolas, nas empresas e nas grandes mídias a fim de trazer o esclarecimento sobre o assunto. Uma outra forma de quebrar o preconceito na sociedade, é conviver com as pessoas com deficiência, assim como, inseri-las no mercado

de trabalho, como afirma Anna Paula Feminella, secretária nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência em entrevista para a Funpresp (2023).

Por isso, é imprescindível a capacitação de professores, que também caberia aos instrutores como o do curta-metragem, visto que, ambos os profissionais são responsáveis por uma aprendizagem educacional e social. A ação docente, muitas das vezes precisa de reflexão, como destaca (Oliveira, 2023, p.67):

[...] é fundamental que os professores busquem suporte e aprimoramento da sua prática para adquirir novos conhecimentos que provoquem o olhar reflexivo e crítico sobre a prática docente, sendo um dos caminhos a participação em formação continuada.

Nesse sentido, profissionais capacitados conseguem propor uma abordagem e uma educação inclusiva, além de possibilitar ações e atividades assertivas com todos os envolvidos no processo de aprendizagem. Dessa forma, a dificuldade em manter uma comunicação, a resistência e o espanto apresentados pelo menino no curta-metragem, podem vir a ser trabalhados, por exemplo, nas aulas de Educação Física escolar.

Conforme os personagens vão remando e as cenas vão avançando, o Marcus tenta novamente conversar com a Renee demonstrando empatia e pergunta o que ela gostaria de fazer, mas já sugerindo para eles fazerem algumas manobras com a canoa e que depois remariam de volta. Percebe-se que há uma tentativa muito ingênua do menino para tentar despertar a atenção e a aproximação com a sua parceira de canoagem. Assim como, fica evidente que a Renee se expressa para dialogar com o menino, só que ele ainda não a entende.

Marcus começa a remar girando a canoa demonstrando a manobra que acreditava ser legal para a Renee. Mas, essa iniciativa a deixou muito assustada, conforme a figura 4.

Figura 4: Renee assustada.

Fonte: *Loop*, 2020.

Sobre essa cena, ressalta-se que a insegurança causada na menina pode estar relacionada à habilidade motora reduzida que a personagem tem. Visto que, o estudo de Rosa Neto et al., (2013) salienta que crianças com TEA apresentam déficits motores, além disso, os autores destacam a importância de atividades lúdicas para serem trabalhadas a fim de melhorar as habilidades motoras com as crianças com TEA, como na figura 5:

Figura 5: Conteúdos e atividades motoras desenvolvidas com crianças com TEA.

Tabela 1.
Conteúdos e atividades desenvolvidas nas intervenções motoras.

Conteúdo	Atividades desenvolvidas
Motricidade fina	Jogos de encaixe, separar blocos por cores, desenho, pintura, pinçar pequenos objetos, passar fio na tela, furar pontos em isopor.
Motricidade global	Circuito com obstáculos (banco, elástico, corda, bola, cones), jogos com música (estátua), vivo ou morto, jogos com bolas.
Equilíbrio	Diferentes posições, com diversos materiais (auxiliares ou não), jogos de troca de nível (subir e descer, correr e parar) etc.
Esquema corporal	Brincadeiras no espelho, relacionamentos (monitor, pais, amigos), brincadeiras cantadas, atividades com papel, tinta e figuras geométricas etc.
Orientação espacial	Jogos de quebra cabeça e encaixe, manusear vários materiais e classificar (grande / pequeno, grosso / fino, mole / duro).
Orientação temporal	Estimular a composição de frases, conversar, cantar, brincadeiras com música (ritmo), palmas, bater o pé e parar.
Lateralidade	Jogos de encaixe, arremesso, jogo com bolas, saci-pererê, circuitos, máscara, binóculo, olho mágico.

Fonte: Rosa Neto et al., (2013, p. 111).

No que concerne à escola, é papel da Educação Física propor atividades para trabalhar tais habilidades motoras por meio de suas aulas. Visto que, a Base Nacional Comum Curricular (2017) destaca que a Educação Física:

[...] é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo.

Nas aulas, as práticas corporais devem ser abordadas como fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório. Desse modo, é possível assegurar aos alunos a (re)construção de um conjunto de conhecimentos que permitam ampliar sua consciência a respeito de seus movimentos e dos recursos para o cuidado de si e dos outros e desenvolver autonomia para apropriação e utilização da cultura corporal de movimento em diversas finalidades humanas, favorecendo sua participação de forma confiante e autoral na sociedade (Brasil, 2017, p.209).

Assim sendo, cabe à Educação Física oferecer atividades lúdicas para possibilitar o movimentar-se de diversos grupos sociais em suas aulas, as quais também contribuirão para o desenvolvimento de habilidades motoras de educandos com TEA.

Retornando a figura 4, com a cena da menina muito assustada, que buscou segurar firme na canoa, o Marcus foi empático e percebeu tal reação dela e parou imediatamente com a manobra que havia proposto. Depois, ele sugeriu de voltarem para a margem. Mas, novamente a Renee se expressou mexendo a canoa em resposta a que gostaria de continuar remando. Ele compreendeu, percebemos então, que eles começaram a se comunicar cada um à sua maneira.

A figura 6 retrata o laço de amizade que foi criado entre os personagens, embora inicialmente havia uma certa resistência do Marcus com relação a Renee, eles foram aprendendo a se comunicarem, foram se conhecendo, trocando conexões e percepções sobre o mundo por outros olhares. No qual, foi descortinado prismas empáticos, compreensivos, compassivos e respeitosos sobre o outro.

Figura 6: A conexão entre os personagens.



Fonte: *Loop*, 2020.

Conforme apresentado no curta-metragem e discorrido nesta categoria, é necessária a inclusão de pessoas com deficiência ocupando todos os espaços da sociedade, na qual, como foi observada e discutida a questão da resistência do menino Marcus em relação a menina Renee, visto que estaria atrelada a falta de conhecimento e de convivência dele com pessoas com TEA, e sobre essa constatação Sasaki (1999, p. 42) ressalta que:

A inclusão social, portanto, é um processo que contribui para um novo tipo de sociedade através de transformações, pequenas e grandes, nos ambientes físicos (espaços internos e externos, equipamentos, aparelhos e utensílios, mobiliários e meios de transporte) e na mentalidade das pessoas [...].

Assim como, abordar tal temática através das mídias, como o curta em questão, o que corrobora para a quebra de preconceitos e de estigmas que estão presentes em nossa sociedade.

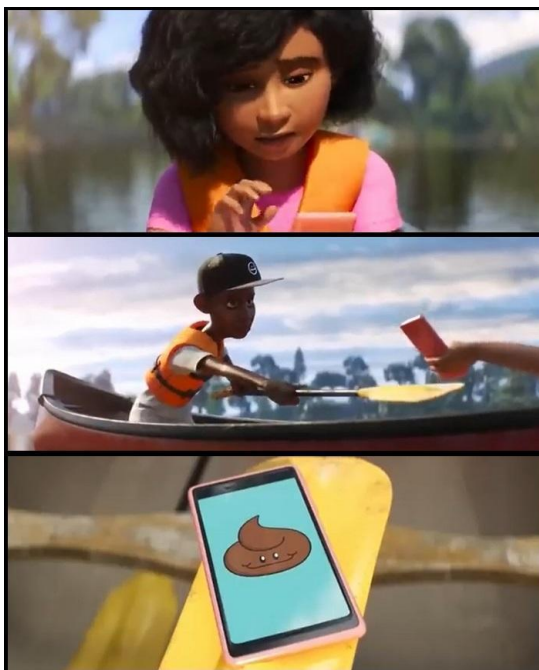
4.2 GRUPOS DE SINAIS DO ESPECTRO AUTISTA

Durante a assistência ao curta-metragem, foram observadas na personagem Renee, as seguintes características presentes nos grupos de sinais do TEA: diferenças na comunicação, na linguagem e na interação social; comportamentos restritos, repetitivos e auto-regulação; e alterações sensoriais.

4.2.1 Diferenças na comunicação, na linguagem e na interação social

As diferenças na comunicação, na linguagem e na interação social, podem ser observadas em diferentes momentos do curta. Em uma tentativa de diálogo com a Renee enquanto estavam na canoa, o Marcos pergunta se ela gostaria de fazer alguma coisa específica, então, ela o responde através de uma imagem no celular dela, conforme a figura 7.

Figura 7: Comunicação pela imagem no celular.



Fonte: *Loop*, 2020.

O Marcus acha que entende e rema em direção ao que ela havia apontado, que seria de ir em direção a um banheiro químico que estava próximo a margem do lago, conforme o ícone de um cocô na tela do celular da Renee, apresentado na figura 7. Mas podemos observar que ela gostaria mesmo, era de se aproximar de um caminho com algumas plantas aquáticas que estavam no lago, na direção desse banheiro químico que estava fora do lago. Sobre a dificuldade de comunicação entre os personagens e pensando em soluções para tornar a comunicação possível, existe a Tecnologia Assistiva (TA), que conforme a Lei 13.146 - Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, em seu Capítulo I, artigo 3º vem a ser:

III - tecnologia assistiva ou ajuda técnica: produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação

da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social [...].

A TA é um direito legal para as pessoas com deficiência, é um instrumento capaz de promover a acessibilidade e a inclusão. No que tange o TEA e o contexto escolar, um estudo de Fonseca e Schirmer (2020) fala da importância de garantir recursos alternativos de comunicação para os educandos com TEA, para que eles possam participar das atividades propostas, interagindo ativamente. Além disso, os autores Costa, Costa e Junior (2023, p.7), afirmam que a TA pode auxiliar os docentes “[...] na mediação de sua prática pedagógica com pessoas com TEA. Quanto ao discente, a TA contribui no processo de aprendizagem, autonomia e inclusão, tornando a percepção de mundo mais ampliada.”

De acordo com Gadia, Bordini e Portolese (2013) é necessário que sejam ensinadas formas alternativas de comunicação para as pessoas autistas. A Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) segundo a organização ISAAC Brasil⁵ [s.d.] é uma forma que possibilita a comunicação além da fala, pois envolve:

[...] um conjunto de ferramentas e estratégias utilizadas para resolver desafios cotidianos de comunicação de pessoas que apresentam algum tipo de comprometimento da linguagem oral, na produção de sentidos e na interação.

As ferramentas da CAA incluem material específico, entre eles, conjuntos de sinais gráficos desenvolvidos especificamente para a comunicação aumentativa e alternativa, agrupados em categorias sintáticas e semânticas, além da utilização de fotos, palavra escrita e alfabeto.

Os símbolos gráficos podem ser organizados a partir de recursos de baixa tecnologia como uma simples folha de papel, até alta tecnologia como computadores e tablets, que através de ações e estratégias clínicas, terapêuticas e pedagógicas na elaboração e acesso aos símbolos se transformam em comunicação.

O princípio da CAA é conceber que a comunicação possa ser realizada de outras formas além da fala, como um olhar compartilhado, expressões faciais, gestos, toque, escrita, apontar de símbolos, imagens ou equipamentos com voz sintetizada, que permitam a interação (ISAAC Brasil, [s.d.]).

Uma outra forma de comunicação alternativa, segundo Mello (2007) é o *Picture Exchange Communication System* - Sistema de Comunicação Através das Trocas de Figuras (PECS) que foi desenvolvido para as pessoas que apresentam dificuldade na comunicação, como as pessoas com TEA, possam adquirir habilidades comunicativas

⁵ A reportagem está disponível no site:

[https://www.isaacbrasil.org.br/comunicaccedilatildeo-aumentativa-e-alternativa.html#:~:text=%E2%80%8Bque%20que%20%C3%A9%20a%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20Aumentativa%20e%20Alternativa%20\(CAA\)%3F&text=O%20princ%C3%ADpio%20da%20CAA%20%C3%A9,sintetizada%2C%20que%20permitam%20a%20intera%C3%A7%C3%A3o](https://www.isaacbrasil.org.br/comunicaccedilatildeo-aumentativa-e-alternativa.html#:~:text=%E2%80%8Bque%20que%20%C3%A9%20a%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20Aumentativa%20e%20Alternativa%20(CAA)%3F&text=O%20princ%C3%ADpio%20da%20CAA%20%C3%A9,sintetizada%2C%20que%20permitam%20a%20intera%C3%A7%C3%A3o)

através de trocas de figuras. Além disso, pensando na realidade financeira das escolas públicas e de muitas famílias brasileiras, o custo desse recurso:

[...] não demanda materiais complexos ou caros, é relativamente fácil de aprender, pode ser aplicado em qualquer lugar e quando bem aplicado apresenta resultados inquestionáveis na comunicação através de cartões em crianças que não falam, e na organização da linguagem verbal em crianças que falam, mas que precisam organizar esta linguagem (Mello, 2007, p.39).

Tais métodos colaboram para as aulas de Educação Física escolar, como salienta Pereira et al., (2019, p.8):

A utilização destes meios de comunicação alternativa nas aulas de Educação Física facilita a intercomunicação entre aluno(a) e professor(a), promovendo a participação efetiva durante as atividades, pois favorece a compreensão dos comandos e regras, além de contribuir diretamente para o desenvolvimento da linguagem verbal e não verbal. Desta forma, se fazem necessárias adaptações das imagens para os conteúdos da Educação Física, que poderão ser utilizadas pelos(as) professores(as), pelas crianças com TEA e também por outros indivíduos com dificuldades de comunicação. É possível construir uma forma de comunicação alternativa com as tarefas da aula e possíveis ações dos(as) alunos(as) e ainda com a descrição dos materiais a serem utilizados nas atividades. Da mesma forma, aspectos relacionados às regras dos jogos e brincadeiras e dos Esportes especificamente podem estar descritos, favorecendo o entendimento de todos(as) os(as) alunos(as) e criando esquemas de fácil memorização. Estas são ações simples que podem ser desenvolvidas pelos(as) próprios(as) professores(as) e pela comunidade escolar.

Nas figuras 8 e 9, apresentamos a forma de interação social estabelecida entre os personagens Renee e Marcus, na qual estão destacados os enquadramentos do contato visual, embora o vídeo não destaca o olhar entre eles ao mesmo tempo em uma cena. A figura 8 evidencia quando o Marcus inicia alguma conversa com a Renee, primeiramente ela olha para ele, mas logo evita o contato visual, e isso ocorre pois, geralmente, as crianças autistas “não procuram o contato ocular ou o mantêm por um período de tempo muito curto” Mello (2007, p. 18).

Figura 8: Renee evita o contato visual com o Marcus.



Fonte: *Loop*, 2020.

A figura 9, mostra enquadramentos de outras cenas, sobre a reação da Renee quanto ao contato visual. Ela olha para as pessoas quando é chamada, mas logo evita fixar o olhar.

Figura 9: Reação da Renee quanto ao contato visual.



Fonte: *Loop*, 2020.

Uma outra observação quanto a interação pode ser percebida na figura 10, quando a Renee estava se conectando com as plantas aquáticas e o Marcus passou a interagir da mesma forma. Mas, quando o Marcus começou a entender a profundidade daquela

sensação prazerosa, o tempo de interação da Renee já havia terminado, fazendo com que ela voltasse a interagir apenas com o celular dela.

Figura 10: Interação com as plantas aquáticas.



Fonte: *Loop*, 2020.

Essas características apresentadas pela Renee nos fazem entender o ponto de vista sobre algo que é ou não confortável para a personagem, como na questão do contato visual. Além de aprendermos a conviver com o outro respeitando a sua forma de se relacionar e de ver o mundo. Mas, para que todos os telespectadores que venham assistir ao curta-metragem “*Loop*” tenham essas percepções, é fundamental e muito necessário que a assistência seja realizada através de uma mediação pedagógica. Pois, dessa forma, haverá uma reflexão crítica do que é assistido, para assim ser melhor compreendido, é preciso que haja interação e comunicação entre professores e educandos, como afirmam os autores (Fantin, 2011; Libâneo, 2006).

4.2.2 Comportamentos restritos, repetitivos e auto-regulação

No início da trama, a personagem Renee apresenta um comportamento motor estereotipado ao balançar as mãos e depois tocá-las repetidamente em seu celular, conforme a figura 11. Tal comportamento, segundo o Instituto Rhema NeuroEducação (2023) é conhecido como *flapping* “[...] um comportamento motor característico em

indivíduos com TEA, o *flapping* é um termo que deriva do inglês, e representa um movimento repetitivo e rítmico das mãos, que se assemelha ao bater asas. ”

Figura 11: O balançar das mãos - *flapping*



Fonte: *Loop*, 2020.

Sobre o comportamento restrito e repetitivo observado na cena com o agitar das mãos “*flapping*” da personagem Renee, Mendonça et.al., [2020?] salienta que:

Autistas apresentam movimentos estereotipados, também chamados de estereotípias, os quais fazem parte do quadro sintomático e dos critérios diagnósticos do TEA (interesses pobres e repetitivos). Entende-se como estereotípias movimentos repetitivos, parcialmente sob controle voluntário, sobretudo no início e na finalização (Ex: agitar as mãos, girar objetos, repetir movimentos giratórios em torno do próprio eixo, bater os pés, emitir sons). Podem ter função de organizar o comportamento, como estratégia de auto-regulação. Se as estereotípias se manifestam de forma auto ou heteroagressiva e/ou se interferem nas tarefas cotidianas de forma prejudicial, afetando o aprendizado, devem ser inibidos (Mendonça et. al., [2020?] p.237).

Ou seja, o movimentar das mãos, é um fator que propicia uma auto-regulação para a personagem Renee. Embora a ajude na sua regulação emocional, cabe uma atenção se tal comportamento poderia vir a prejudicá-la.

Desde o início da trama, também pode ser percebido que a personagem Renee sempre está com o celular nas mãos, e esse aparelho emite repetidamente um estímulo sonoro de três latidos. Isso nos leva a compreender, como mostra na figura 12, que o estímulo sonoro emitido pelo celular, está relacionado a uma questão de auto regulação emocional para a menina. Isso vem a explicar o incentivo do instrutor de canoagem com

ela (quando ele imita o som de três latidos) empurrando a canoa para a aula que teria a companhia do Marcus.

Figura 12: Renee com o seu celular



Fonte: *Loop*, 2020.

Além disso, a utilização desse aparelho ao longo da trama, nos leva ao entendimento como abordado anteriormente sobre os diferentes tipos de comunicação e salientado por Moreira (2023) de que este seria uma comunicação suplementar alternativa e aumentativa, que engloba o uso de um celular como canal de comunicação, sendo comumente utilizado por pessoas autistas de níveis de suporte 2 e 3.

4.2.3 Alterações sensoriais

Sobre as alterações sensoriais, algumas crianças autistas podem apresentar hipersensibilidade ou hipossensibilidade aos estímulos sensoriais, no qual, segundo Brites [s.d.] “[...] seus sentidos podem captar mais ou menos informações que o normal”. Ainda de acordo com Brites⁶ [s.d.], as sensibilidades sensoriais quanto às informações são:

HIPERSENSIBILIDADE ÀS INFORMAÇÕES SENSORIAIS

⁶A reportagem está disponível no site: <https://institutoneurosaber.com.br/artigos/sensibilidades-sensoriais-em-criancas-autistas-como-lidar>

As crianças com hipersensibilidade (muita sensibilidade) procuram evitar situações que ativem suas experiências sensoriais. Por exemplo: eles só aceitam alimentos com uma determinada textura. Também podem tapar os ouvidos quando escutam barulhos altos, entre outras ações.

HIPOSENSIBILIDADE ÀS INFORMAÇÕES SENSORIAIS

As crianças com hipossensibilidade (pouca sensibilidade), por outro lado, buscam as experiências sensoriais, estão à procura de estímulos. Por exemplo: elas buscam coisas para tocar, usam roupas justas, esfregam os braços ou pernas contra algum objeto, tudo isso para estimular os seus sentidos.

HIPERSENSIBILIDADE E HIPOSENSIBILIDADE ÀS INFORMAÇÕES SENSORIAIS

Também existem casos em que o pequeno possui hipersensibilidade e hipossensibilidade em sentidos diferentes. Ou até mesmo, no mesmo sentido, como é o caso dos indivíduos que são hipersensíveis a algumas frequências sonoras e hipossensíveis a outras.

Como retratado na figura 13, a personagem Renee apresenta uma reação de hipossensibilidade sensorial tátil ao passar seus braços nas plantas aquáticas, de tal modo que queira dar continuidade àquela sensação que parece lhe transmitir contentamento. Observando isso, o Marcus também buscou se conectar fazendo o mesmo contato com as plantas e sua expressão apresenta uma sensação agradável que ele possivelmente desconhecia.

Figura 13: Hipossensibilidade tátil.



Fonte: *Loop*, 2020.

Como foi apresentado na figura 13, a reação da Renee quanto ao toque nas plantas aquáticas, foi devido a uma hipossensibilidade tátil que ela teve ao que parece, ter gostado da sensação de passar os braços entre as plantas, pois tal ação como foi apontado por Brites [s.d.] estimulou os seus sentidos.

Diferentemente da hipossensibilidade tátil, as figuras 14 e 15, apresentam uma reação de hipersensibilidade auditiva fazendo com que a Renee viesse a tapar os seus ouvidos, demonstrando estar em uma crise sensorial que foi gerada com o excesso de som/ruído que foi emitido e ecoado pelo celular dentro de um canal fechado. Acerca disso, podemos entender tais crises como “*Meltdown*” seguida de “*Shutdown*”, que foram definidas anteriormente no capítulo sobre o TEA.

Figura 14: Hipersensibilidade auditiva gerando “*meltdown*”



Fonte: *Loop*, 2020.

Primeiramente, conforme a figura 14 percebemos que a Renee teve o “*Meltdown*” no qual perdeu o controle de sua emoção por causa do barulho, e ao querer sair daquele ambiente imediatamente, tomou o controle da canoa sem direção e acabou contribuindo para que ela virasse. O Marcus, nunca tinha presenciado esse comportamento e reprimiu a menina perguntando o porquê dela ter feito aquilo, a falta de conhecimento dele com relação a crise sensorial e saber o que fazer e dizer, acabou piorando a situação, e a menina começou a gritar e a chorar colocando também as mãos nos ouvidos. Ao tentar ajudar, o Marcus pediu para ela “relaxar” e disse “que estava tudo bem” e tocou no braço dela em seguida, mas novamente ela teve uma reação de descontrole e atirou o celular dela em direção ao menino, sendo que o aparelho caiu na água da lagoa.

Após, conforme a figura 15 foi percebido que a Renee teve o “*Shutdown*” pois foi se isolar ficando debaixo da canoa. Visto que, durante o “shutdown” a pessoa autista procura isolamento e fica em silêncio por causa do excesso de estímulos sonoros, conforme aponta Moreira (2023).

Figura 15: Hipersensibilidade auditiva gerando “*shutdown*”



Fonte: *Loop*, 2020.

O Marcus tentou uma aproximação pedindo desculpas e pedindo para ela parar de chorar e que voltariam para a canoa. Mas, ela permaneceu isolada com a canoa virada sob dela, a princípio a menina estava gritando muito, até que foi ficando em silêncio. Marcus, apenas observava sem saber o que fazer. Porém, ela voltou a chorar e ele voltou a se aproximar dela sentando-se encostado na canoa e de costas para a menina buscou uma forma de tentar conversar e acalmar a situação. Ao presenciar uma situação de crise, a Cartilha do Autista (2023) ressalta que devemos proporcionar um lugar com menos estímulos e um ambiente calmo para que a pessoa se sinta segura, e que empatia e respeito são fundamentais.

No que tange às aulas de Educação Física, é importante, segundo Pereira et al., (2019, p.10) que “Os (as) profissionais da área de Educação Física devem se atentar com o excesso de barulhos durante as atividades. Comandos através de apitos e excesso de volume podem gerar desconfortos aos (às) alunos (as) com TEA”.

Todas essas características também podem ser comuns a outras pessoas do espectro, mas devemos compreender a singularidade e a individualidade de cada autista. Também temos que entender o seu tempo, espaço e a sua emoção, sem julgamentos e preconceitos como por vezes acontece na sociedade ao tratar uma crise como “birra” como afirma o Instituto NeuroSaber (2018):

No caso do TEA, as crises são mais frequentes quando a pessoa (seja ela criança ou adulta) está exposta a vários estímulos sensoriais e não sabe como lidar com tanta informação. Diferentemente da birra, a crise não é proposital e muito menos uma estratégia para se conseguir algo; mas a resposta de um limite que fora extrapolado; de uma irritação extrema.

Além disso, precisamos pensar em formas de acolhimento, de inclusão e adaptação para oferecer um suporte consciente e empático quando necessário.

5. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

A proposta de intervenção sugerida para professores do Ensino Fundamental, consiste no desenvolvimento de cinco aulas de 50 minutos cada, com o objetivo de discutir e fomentar a inclusão nas aulas de educação física escolar de forma consciente e empática, através de estratégias pedagógicas que foram pensadas e elaboradas a partir da assistência ao curta-metragem “*Loop*” (Fitas, 2020). Vale ressaltar que tal proposta pedagógica é uma forma de inspirar estratégias que contribuem no desenvolvimento da criança com TEA, um caminho para que o professor possa iniciar o seu trabalho e adequar a sua realidade, e não seguir como um modelo fechado direcionado a um determinado ano do Ensino Fundamental.

O conjunto dessas cinco aulas foi planejado após realizada a assistência crítica e reflexiva do curta-metragem. O conteúdo destas aulas busca oferecer elementos norteadores para os professores desenvolverem atividades inclusivas com o recurso pedagógico do uso das mídias, no tocante, o vídeo do curta “*Loop*”. As aulas têm a premissa de proporcionar a inclusão e a participação qualitativa de todos os educandos sem diferenciação e exclusão quanto aos educandos com o Transtorno do Espectro Autista nas atividades propostas, como comumente ocorre nos ensinamentos tradicionais. Não será tratado nenhum conteúdo específico da Educação Física, mas conforme aborda a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017) as tecnologias são aprendizagens que devem ser inseridas em toda a Educação Básica, assim como, deve ser firmado o compromisso pela aprendizagem inclusiva nas escolas.

Promover aulas inclusivas nas escolas comuns é uma questão legal garantida por Leis no Brasil, as práticas de ensino devem contemplar as diferenças como ressalta Mantoan (2015). Além disso, Mantoan (2015, p.59) destaca que:

“[...] a escola, para muitos alunos, é o único espaço de acesso ao conhecimento. É o lugar que vai lhes proporcionar condições de se desenvolver e de se tornar cidadãos e lhes conferirá oportunidades de ser e de viver dignamente.

Incluir é necessário, sobretudo, para melhorar as condições da escola, de modo que nela se possam formar gerações mais preparadas para levar a vida na sua plenitude, livremente, sem preconceitos, sem barreiras [...]”.

Para contribuir com o processo de ensino e aprendizagem inclusivo nas escolas, as aulas serão articuladas ao princípio da mídia-educação, no qual, como salienta Belloni (2009) se faz necessário possibilitar o acesso democrático às mídias na sala de aula para

diminuir as desigualdades sociais que há nesse acesso, principalmente na realidade da escola pública. Também poderá contribuir na formação de sujeitos ativos, críticos e criativos perante as tecnologias de informação e comunicação.

Realizada a assistência crítica (Viana, 2009) ao curta-metragem “*Loop*” sendo mediada pelos professores, os educandos serão estimulados ao exercício do pensamento crítico e reflexivo da obra e das problemáticas encontradas no curta. Assim, tanto os educandos como também os docentes, terão acesso a muitas informações no que tange o TEA, e poderão desconstruir a partir das atividades que serão propostas, as atitudes preconceituosas e capacitistas existentes na sociedade. Além disso, ao final das aulas, sugerimos como o ponto de culminância da aprendizagem a construção de um mural sobre o TEA na escola.

5.1 PLANOS DE AULA

Aula 01

Componente Curricular: Educação Física

Tema da aula: Conhecendo o TEA a partir do curta-metragem “*Loop*” (Fitas, 2020).

Duração: 50 minutos

Objetivos: Conhecer o que é o Transtorno do Espectro Autista; Perceber a importância da inclusão das pessoas com deficiência na sociedade.

Procedimentos Metodológicos

Rotina Inicial: A aula acontecerá dentro de sala. A (O) professora (o) apresentará o conteúdo e a dinâmica da aula para os educandos projetarem o que será realizado. Tempo estimado: 5 minutos.

Atividade 1: Será realizada uma conversa inicial com os educandos para que entendam sobre as diferenças / que todos somos diferentes (que apresentamos nome, idade, altura, cor, etnia, textura do cabelo, traço cultural diferente, entre outras diferenças). Assim, percebam que todos são diferentes entre si (o intuito é de colocar a diferença/as características de cada um, em um lugar não pejorativo), além disso, devem ser instigados a perceberem as suas qualidades e as qualidades do outro. Tempo estimado: 15 minutos.

Atividade 2: Será exibido o curta-metragem “Loop” (Fitas, 2020) disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i5IPiYpANVs>. Conta a história de duas crianças apaixonadas pela canoagem, a Renee, uma menina autista não verbal, e um menino chamado Marcus. Que juntos embarcam em uma aventura na canoa e criam laços de amizade e empatia. Tempo estimado: 8 minutos.

Atividade 3: Após a assistência do curta, a (o) professora (o) irá perguntar às crianças sobre o que elas acharam da trama e dos acontecimentos ocorridos pelos personagens. Mediante os questionamentos e dúvidas trazidas pelos alunos, esclarecer os conceitos sobre o TEA e propor junto com os educandos, as mudanças que são necessárias (atitudinais, comunicacionais, conceituais, metodológicas, procedimentais, arquitetônicas, entre outras) para incluir as pessoas com deficiência em todas as esferas da sociedade. Tempo estimado: 22 minutos.

Recursos Didáticos: Computador e/ou Tv, Projetor e Caixinha de Som.

Avaliação da aula: A avaliação será processual, em um processo contínuo considerando o entendimento e a participação qualitativa das crianças na aula.

Aula 02

Componente Curricular: Educação Física

Tema da aula: Construindo figuras para a comunicação não verbal baseado no Sistema de Comunicação Através das Trocas de Figuras (PECS).

Duração: 50 minutos

Objetivos: Construir figuras com materiais alternativos com as crianças; Possibilitar a comunicação não verbal com os educandos que apresentam dificuldades na comunicação verbal.

Procedimentos Metodológicos

Rotina Inicial: A aula acontecerá dentro de sala. A (O) professora (o) apresentará o conteúdo e a dinâmica da aula para os educandos projetarem o que será realizado. Tempo estimado: 5 minutos

Atividade 1: A (O) professora (o) irá realizar uma exposição por meio de figuras relacionadas ao dia a dia das pessoas, tais como: as sensações de sede, fome, frio, calor, dor, medo, feliz, triste, legal; atenções quanto: perigo, alta/baixa temperatura, choques; cumprimentos: Oi! Tudo bem? Bom dia! Tchau!; e figuras relacionadas a aula de Educação Física: livro, caderno, tênis, bola, cone, entre outras figuras que possam estar atreladas aos conteúdos que estiverem sendo trabalhados. Como por exemplo: figuras sobre os esportes individuais e/ou coletivos, suas regras, etc. Tempo estimado: 20 minutos.

Atividade 2: Após a exposição da (o) professora (o), os educandos receberão folhas impressas com as figuras que foram apresentadas e papelão, junto aos seus devidos materiais individuais como tesoura e cola, eles serão orientados a recortarem as figuras e colar no papelão em formato de um cartão de comunicação. Ao final da atividade, os cartões com as figuras serão armazenados em uma caixa e ficarão disponíveis na sala de aula, para que sejam trabalhados também por outras disciplinas, como forma de comunicação com os educandos que apresentem dificuldade na comunicação verbal. Tempo estimado: 25 minutos.

Atividade 3: Para casa: criar cartões individualizados (sobre assuntos que gostariam de compartilhar, por exemplo: estudos, esportes, desenhos, etc.) pensando na comunicação não verbal com o seu colega que tenha ou não essa dificuldade na comunicação verbal.

Recursos Didáticos: Computador e/ou Tv, Projetor, Folhas com figuras impressas; Tesoura; Cola e Papelão.

Avaliação da aula: A avaliação será processual, em um processo contínuo considerando o entendimento e a participação qualitativa das crianças na aula.

Aula 03

Componente Curricular: Educação Física

Tema da aula: Trabalhando as habilidades motoras de forma lúdica conforme o programa de intervenção do Rosa Neto et al., (2013).

Duração: 50 minutos

Objetivos: Trabalhar as habilidades motoras quanto a: Motricidade Fina; Motricidade Global; Equilíbrio; Esquema Corporal; Orientação Espacial; Orientação Temporal e a Lateralidade.

Procedimentos Metodológicos

Rotina Inicial: A aula iniciará em sala e depois continuará na quadra/pátio. A (O) professora (o) apresentará o conteúdo e a dinâmica da aula para os educandos projetarem o que será realizado. Tempo estimado: 3 minutos.

Atividade 1: A (O) professora (o) irá realizar uma exposição com vídeos em sala sobre as atividades motoras a serem desenvolvidas na quadra/pátio. Tais atividades lúdicas são:

Motricidade Fina: traçar o maior número de linhas de mesmo tamanho em uma folha durante um tempo determinado; encaixar blocos ou tampas de garrafas; expressões faciais pensando na não verbalização; assoprar bolinha de sabão, etc.

Motricidade Global: brincadeira do “vivo ou morto”.

Equilíbrio: realizar diferentes posições, ex.: “sapo”, “aviãozinho”, árvore, entre outras.

Esquema Corporal: brincando de imitar o colega como se ele estivesse em frente a um espelho (deverão reproduzir as imitações a partir do comando dado pelo professor).

Orientação Espacial: locomover dentro de um espaço que pode ser representado por linhas, cones, etc.; saltar dentro e fora do bambolê; desenhar com um giz um círculo em sua volta.

Orientação Temporal: brincadeira cantada com a música “Se você está contente” do Patati Patatá.

Lateralidade: quicar a bola para a esquerda e depois para a direita.

Tempo estimado: 12 minutos.

Atividade 2: Em quadra, as crianças serão novamente orientadas sobre as atividades a serem realizadas, para isso, a (o) professora (o) irá demonstrar conforme for trabalhando com cada atividade. Cada coordenação motora será trabalhada por 5 minutos. Tempo estimado: 35 minutos.

Recursos Didáticos: Computador e/ou Tv, Projetor, Caixinha de Som, Celular, Folhas, Lápis, Tampas e/ou Blocos, Giz, Bambolês e Bolas.

Avaliação da aula: A avaliação será processual, em um processo contínuo considerando o entendimento e a participação qualitativa das crianças na aula.

Aula 04

Componente Curricular: Educação Física

Tema da aula: Uma experiência com os sentidos do Tato e da Audição.

Duração: 50 minutos

Objetivos: Explorar o sentido do tato e descobrir o objeto que tem dentro da caixa; Explorar o sentido da audição a partir de uma atividade com o uso de vendas.

Procedimentos Metodológicos

Rotina Inicial: A (O) professora (o) apresentará o conteúdo e a dinâmica da aula para os educandos projetarem o que será realizado. Tempo estimado: 5 minutos.

Atividade 1: Em sala ou na quadra, será proposto para as crianças uma atividade para fomentar a percepção das coisas/objetos através do sentido tato. A (O) professora (o) irá colocar alguns objetos (colher, ramo/galho de alguma planta, diferentes tipos de bola, sementes/grãos, entre outros) dentro de algumas caixas e deixará um espaço recortado para que as mãos dos participantes possam tocar/segurar os objetos dentro das caixas. Os educandos devem tentar adivinhar o que está sendo tocado. Conforme todos tenham realizado a atividade, perguntar para as crianças qual foi a sensação que sentiram com a experiência que foi proposta. Tempo estimado: 20 minutos.

Atividade 2: Na quadra ou pátio da escola (o lugar deve ser avaliado previamente pela (o) professora (o) visando a segurança dos educandos). Será proposto para as crianças uma atividade com o uso de vendas, na qual duplas serão formadas e alternadas conforme o andamento da atividade. Uma criança será vendada enquanto a sua dupla será o seu apoio (depois irão trocar). A pessoa que estiver vendada, deverá explorar o sentido da audição para perceber o mundo além do campo visual, enquanto a sua dupla deverá prezar pela sua segurança e ser uma companhia respeitosa e empática guiando-o apenas com a voz e emitindo os comandos de seguir em frente/para a direita/para a esquerda até um determinado ponto que estará demarcado no chão da quadra/pátio da escola. Ao final,

será realizada uma roda de conversa com as crianças, onde elas irão comentar como foi a experiência. Tempo estimado: 25 minutos.

Recursos Didáticos: Caixas de papelão, Objetos para serem colocados dentro das caixas, por exemplo: colher, bolas, sementes, entre outros, e Vendas de tnt.

Avaliação da aula: A avaliação será processual, em um processo contínuo considerando o entendimento e a participação qualitativa das crianças na aula.

Aula 05

Componente Curricular: Educação Física

Tema da aula: Reflexão sobre o TEA a partir de tirinhas do “Armandinho”.

Duração: 50 minutos

Objetivos: Propor uma reflexão sobre o TEA e os preconceitos existentes na sociedade.

Procedimentos Metodológicos

Rotina Inicial: A (O) professora (o) apresentará o conteúdo e a dinâmica da aula para os educandos projetarem o que será realizado. Tempo estimado: 5 minutos.

Atividade 1: A (O) professora (o) irá realizar uma exposição com duas tirinhas do Armandinho, conforme as figuras abaixo:

Figura 16: Tirinha do “Armandinho” sobre o TEA.



Fonte: Página do Armandinho no Facebook

Figura 17: Tirinha do “Armandinho” sobre Direitos Humanos.



Fonte: Página do Armandinho no Facebook

Será realizado um diálogo crítico e reflexivo com a turma sobre as tirinhas que foram apresentadas. A (O) professora (o) irá pedir para que cada educando faça uma reflexão sobre o que entendeu sobre o TEA e o que são atitudes preconceituosas. Tempo estimado: 25 minutos.

Atividade 2: Será entregue uma folha para cada criança desenhar uma atitude/brincadeira inclusiva a partir da reflexão que foi realizada anteriormente. Ao final da aula, a (o) professora (o) passará uma atividade para casa: será entregue ou colado na agenda de cada criança, uma folha impressa com as duas tirinhas do Armandinho e os educandos deverão informar aos seus familiares o que eles aprenderam na aula de Educação Física, e com a ajuda desse familiar, a criança irá escrever uma frase sobre inclusão no desenho que foi realizado em aula. O desenho com a frase deverá ser entregue na próxima aula. Eles ficarão expostos em um mural sobre o TEA na escola. Tempo estimado: 20 minutos.

Recursos Didáticos: Computador e/ou Tv, Projetor, Folhas impressas, Lápis de cor, Cola, entre outros materiais que forem necessários.

Avaliação da aula: A avaliação será processual, em um processo contínuo considerando o entendimento e a participação qualitativa das crianças na aula.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi realizar uma análise no curta-metragem “*Loop*” (Fitas, 2020) para identificar temáticas sobre a inclusão escolar e desenvolver a partir da obra assistida, uma proposta pedagógica, com a finalidade de trazer problematizações referentes à inclusão e aos aspectos relacionados ao TEA nas aulas de educação física escolar.

A análise de um curta-metragem dentre outras mídias, foi pensada por se tratar primeiramente de uma animação com personagens que são crianças, embora não reais, vivenciam uma história do cotidiano do mundo real, abordando a diversidade na sociedade e propondo um debate sobre a inclusão. Além disso, por ser uma mídia com curto período de duração, viabiliza um tempo maior para a mediação dos professores no desenvolvimento de um trabalho propositivo com os educandos, no qual visa o exercício do pensamento crítico, reflexivo e ativo perante o conteúdo apresentado pela mídia em questão. Ademais, a partir das análises realizadas, verificamos que o curta apresenta potencialidades para o trabalho com a inclusão Educação Física Escolar, o conhecimento sobre o TEA e a desconstrução de preconceitos.

A obra consegue propor que, de alguma forma, alguns espectadores com TEA se identifiquem com a personagem principal, o que é de suma importância para a efetivação da inclusão social e do sentimento de estar sendo representado nas telas e pertencentes à sociedade. A inserção do filme/curta nas aulas de Educação Física para o desenvolvimento de um trabalho pedagógico, também contribui para que ocorram mudanças significativas de pensamentos e atitudes dos espectadores sem deficiência, de modo que traz a conscientização sobre a pluralidade que há no mundo, de que temos uma sociedade diversa, e que o respeito e a empatia pelo outro são fundamentais. Tendo em vista que todos devem combater as barreiras dos preconceitos e estereótipos em relação às pessoas com deficiência Além da análise do curta, consideramos que a proposta didática elaborada com elementos norteadores para o desenvolvimento de atividades inclusivas nas aulas de Educação Física Escolar, com o recurso pedagógico das mídias, pode contribuir para o ensino-aprendizado escolar.

É importante evidenciar que este trabalho é um chamado para que mais trabalhos acadêmicos sejam produzidos no que tange a inclusão escolar, temática essa primordial

para vislumbrarmos uma sociedade inclusiva, justa e igualitária. Ademais, também é um apelo para salientar a necessidade de se debater a presente temática em todas as disciplinas no curso de formação de professores, e não apenas em uma disciplina obrigatória como é comumente realizado. Assim, através da educação, formamos cidadãos conscientes, como ressalta o grande mestre Paulo Freire (1979, p.84) “[...] Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”. Precisamos de mudanças, de ações e tomadas de decisão quanto a inclusão, pensar a acessibilidade em todos os setores da sociedade, precisamos agir e avançar.

Aos professores, professores em formação e a comunidade escolar, cabe o respeito e compreensão em torno da subjetividade de cada educando, assim como, a busca pelo aprimoramento de práticas pedagógicas. É preciso um olhar para educação inclusiva com mais sensibilidade e entender o quão fundamental é a capacitação e a formação continuada. Além disso, faz-se necessário considerar novas perspectivas no ensino e na aprendizagem, como com o uso de recursos pedagógicos aliados às tecnologias e às mídias.

REFERÊNCIAS

ANCINE - Agência Nacional do Cinema. Disponível em: <https://sad.ancine.gov.br/consultapublica/avaliacoesSolicitadasAction.do?method=initEnviarSugestao&idNorma=57&idDispositivo=2122> Acesso em: 12 ago. 2024.

ANTUNES, Flávia. Curta da Pixar surpreende ao ter personagem dublado por menina autista. **Editora Abril**, 2020. Disponível em: https://bebe.abril.com.br/familia/curta-da-pixar-surpreende-ao-ter-personagem-dublado-por-menina-autista/mobile#google_vignette Acesso em: 13 ago. 2024.

ARMANDINHO. Tirinha sobre o TEA. Página do Facebook, 2024. Disponível em: <https://www.facebook.com/100064627692059/posts/pfbid02jD4iNPKHYhXPoTyQDLZfa2pvmMrmipGbEELmJKFVx1E9fY5RBQqwGjXRtQFhzDDLl/?app=fbl> Acesso em: 25 out. 2024.

_. Tirinha sobre os Direitos Humanos. Página do Facebook, 2024.. Disponível em: <https://www.facebook.com/100064627692059/posts/pfbid027hoJCt2vD98Rz6B7XC1tuEYwL84nZhfPyxesdBNzfPWpR3yZGYQDDQzL6cMQNLfHI/?app=fbl> Acesso em: 25 out. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. / Laurence Bardin: tradução Luís Antero Reto. Augusto Pinheiro - São Paulo: Edições 70, 2016. 3 reimp. da 1ª edição de 2016, 141 p.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

BETTI, Mauro. Mídias: Aliadas ou inimigas da Educação Física escolar? **Motriz**, Rio Claro v.7, n.2, p.125-129, jul-dez. 2001. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/07n2/Betti.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2024.

BIANCHI, Paula. **Formação em Mídia-Educação (Física)**: Ações colaborativas na rede municipal de Florianópolis/Santa Catarina. 2009. 214f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/93230>. Acesso em: 22 jul. 2024.

BRACHT, Valter. Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <https://portalidea.com.br/cursos/7341cffb7deadad829f5e22f3ad3f4b8.pdf> Acesso em: 16 set. 2024.

BRASIL. Congresso Nacional. Constituição: República Federativa do Brasil. Brasília: Centro Gráfico, 1988.

_.Congresso Nacional. Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei n. 9.394). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf Acesso em: 16 ago. 2024.

_. Lei nº. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em:

https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/534718/eca_1ed.pdf Acesso em: 16 ago. 2024.

_. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm Acesso em: 16 ago. 2024.

_. Lei nº.12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm Acesso em: 16 ago. 2024.

_. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm Acesso em: 16 ago. 2024.

_. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**. Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Brasília, DF: Presidência da República; Secretaria Especial dos Direitos Humanos; CORDE, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=424-cartilha-c&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 30 abr. 2024.

_. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 16 set. 2024.

BRITES, Luciana. Sensibilidades sensoriais em crianças autistas. Instituto NeuroSaber. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/artigos/sensibilidades-sensoriais-em-criancas-autistas-como-lidar/> Acesso em: 19 out. 2024.

CAMILO, Rodrigo Cordeiro; BETTI, Mauro. Multiplicação e convergência das mídias: desafios para a educação física escolar. **Motrivivência** (UFSC), v. 34, p. 122-135, jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/17149/15847> Acesso em: 12 set. 2024.

COSTA, Matheus Santos; COSTA, Vasti Ferreira Gonçalves; VIEIRA JUNIOR, Niltom. Uso do aplicativo SpeeCH como tecnologia assistiva para uma criança com transtorno do espectro autista (TEA): um estudo de caso. **Revista Educação Especial**, v.36, Santa Maria, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/70474> Acesso em: 13 out. 2024.

CHAMPANGNATTE, Dostoiowski Mariatt de Oliveira; NUNES, Lina Cardoso. A inserção das mídias audiovisuais no contexto escolar. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.27, p.15-38, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/GPF6zTjDHXQ885Vmtm48BPD/?format=pdf>. Acesso em: 22 jul. 2024.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FAGANELLO-GEMENTE, Florence Rosana; SILVA, Ana Paula Salles; MATTHIESEN, Sara Quenzer. Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação: desafios e possibilidades para a inserção na Educação Física escolar. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**. Santos, v.12, n. 28, p. 570-586, set. / dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/958> Acesso em: 18 abr. 2024.

FANTIN, Mônica. **Mídia-educação**: aspectos históricos e teórico-metodológicos. Olhar de professor. v.14, n.1, p.27-40, 2011. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor> Acesso em: 18 abr. 2024.

FAVORETTO, Natalia Caroline; LAMÔNICA, Dionísia Aparecida Cusin. Conhecimentos e necessidades dos professores em relação aos Transtornos do Espectro Autístico. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 20, n. 1, p. 103-116, Jan.-Mar., 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/QRspYNYnBNvzjTvrbszbQm/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 2 out. 2024.

FITAS (*LOOP*). Direção: Erica Milsom, EUA, 2020. (9min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i5IPiYpANVs> Acesso em: 17 abr. 2024

FONSECA, Juliana Tavares dos Reis; SCHIRMER, Carolina Rizzotto. Tecnologia Assistiva: aplicativos para dispositivos móveis, uma contribuição tecnológica para aprendizagem de crianças autistas. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**. v. 17, n. 51, p. 155-175, 2020. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/7039> Acesso em: 16 set. 2024.

FREIRE. Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FU, Ho, Shin; et al. Filmes como estratégias para as aulas de Educação Física na Escola. **Movimento**, v. 28, p. e28028, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/117773>. Acesso em: 29 set. 2024.

FUNPRESP. “A convivência é a chave”: Um debate sobre a inclusão das pessoas com deficiência no mercado de trabalho, 2023. Disponível em: <https://www.funpresp.com.br/fique-por-dentro/noticias/a-convivencia-e-a-chave-um-debate-sobre-a-inclusao-das-pessoas-com-deficiencia-no-mercado-de-trabalho> Acesso em: 12 out. 2024.

GADIA, Carlos; BORDINI, Daniela; PORTOLESE, Joana. Estratégias de identificação: Autismo – como identificar. In: **Cartilha Autismo & Educação**. São Paulo, 2013. Disponível em: https://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civel/aa_ppdeficiencia/aa_ppd_autismo/aut_diversos/Cartilha-AR-Out-2013%20-%20autista%20na%20escola.pdf Acesso em: 8 out. 2024.

GARCIA, Stefanie. O que são níveis de suporte no TEA e como eles podem auxiliar no diagnóstico. **Blog Autismo e Realidade**, 2024. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/2024/02/08/o-que-sao-niveis-de-suporte-no-tea-e-como-eles-podem-auxiliar-no-diagnostico/> Acesso em: 21 ago. 2024.

GAROFALO, Débora. Desigualdades de acesso na era digital, os obstáculos ainda presentes. **Revista Educação**, 2022. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2022/08/08/desigualdade-de-acesso-digital/> Acesso em: 11 set. 2024.

HABER, Jaques. Capacitismo: o preconceito com as pessoas com deficiência. **Blog Igual Inclusão e Diversidade**, 2023. Disponível em: <https://igual.com.br/blog/capacitismo-preconceito-igual/> Acesso em: 12 out. 2024.

ISAAC BRASIL. **O que é a Comunicação Aumentativa e Alternativa**. Disponível em: [https://www.isaacbrasil.org.br/comunicaccedilatildeo-aumentativa-e-alternativa.html#:~:text=%E2%80%8Bque%20%C3%A9%20a%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20Aumentativa%20e%20Alternativa%20\(CAA\)%3F&text=O%20p rinc%C3%ADpio%20da%20CAA%20%C3%A9,sintetizada%2C%20que%20permitam%20a%20intera%C3%A7%C3%A3o](https://www.isaacbrasil.org.br/comunicaccedilatildeo-aumentativa-e-alternativa.html#:~:text=%E2%80%8Bque%20%C3%A9%20a%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20Aumentativa%20e%20Alternativa%20(CAA)%3F&text=O%20p rinc%C3%ADpio%20da%20CAA%20%C3%A9,sintetizada%2C%20que%20permitam%20a%20intera%C3%A7%C3%A3o). Acesso em: 17 out. 2024.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus, 2007.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. Cultura Jovem, Mídias e Escola: o que muda no trabalho dos professores?. **Revista Educativa**, V. 9, n. 1, p. 25-46, jan./jun. 2006. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/73> Acesso em: 9 ago. 2024.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar – O que é? Por quê? Como fazer?** 5ª reimpressão. São Paulo: Summus, 2015.

MARCO, Carmem Lydia da Silva Trunci de; SPALATO; Marina Helena Trunci Oliveira; DUARTE, Viviane Rosalie. Estratégias acadêmicas. In: **Cartilha Autismo & Educação**. São Paulo, 2013. Disponível em: https://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civel/aa_ppdeficiencia/aa_ppd_autismo/aut_diversos/Cartilha-AR-Out-2013%20-%20autista%20na%20escola.pdf Acesso em: 8 out. 2024.

MARTINS, Louie. Mito ou verdade?. In: **Lugar de Autista é na UFMG - Cartilha pedagógica para professores**, 2023. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1F53rRWDG4-CdgjepVXB2KTTZK1dGVcvQ/view> Acesso em: 16 ago. 2024.

MELLO, Ana Maria S. Ros de, **Autismo: guia prático**. 9ª ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007. Disponível em: https://www.ama.org.br/site/wp-content/uploads/2019/05/CAPA_GUIA_PRATICO_9_EDICAO_V3-mesclado-ALTA.pdf Acesso em: 18 set. 2024.

MENDONÇA, Fabiana Sarilho de. et al.,. As principais alterações sensório-motoras e a abordagem fisioterapêutica no Transtorno do Espectro Autista: atuação do fisioterapeuta nos transtornos do espectro autista. In: **Desenvolvimento da Criança e do Adolescente: Evidências Científicas e Considerações Teóricas-Práticas**, Editora

Científica, 2020. Disponível em:

<https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/200801118.pdf> 2020 Acesso em: 17 out. 2024.

MINAYO, Maria. Cecília de Souza et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MOREIRA, Mariana; SALLUM, Isabela. Desmistificando o autismo - Os paradigmas de viver em uma sociedade neurotípica. In: **Lugar de Autista é na UFMG - Cartilha pedagógica para professores**, 2023. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1F53rRWDG4-CdgjepVXB2KTTZK1dGVcvQ/view>
Acesso em: 16 ago. 2024.

MOREIRA, Mariana. Inclusão, adaptação e acolhimento. In: **Lugar de Autista é na UFMG - Cartilha pedagógica para professores**, 2023. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1F53rRWDG4-CdgjepVXB2KTTZK1dGVcvQ/view>
Acesso em: 16 ago. 2024.

MOREIRA, Mariana. Mini-glossário do autismo - 15 termos para entender o Espectro Autista. In: **Lugar de Autista é na UFMG - Cartilha pedagógica para professores**, 2023. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1F53rRWDG4-CdgjepVXB2KTTZK1dGVcvQ/view> Acesso em: 16 ago. 2024.

MOUSINHO, Renata; et al.,. **Revista Psicopedagogia** 2010; 27(82): 92-108.

Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v27n82/v27n82a10.pdf> Acesso em: 5 out. 2024.

MUNSTER, Mey de Abreu van. Inclusão de Estudantes com Deficiências em Programas de Educação Física: Adaptações Curriculares e Metodológicas. **Revista da Sobama**, Marília, v. 14, n. 2, p. 27-34, Jul./Dez., 2013. Disponível em:

<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/sobama/article/view/3612> Acesso em: 12 set. 2024.

NEUROSABER. Birra x crise no TEA: como diferenciar, 2018. Disponível em:

<https://institutoneurosaber.com.br/birra-x-crise-no-tea-como-diferenciar/> Acesso em: 15 out. 2024.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães. et al.,. **Minha criança tem características de autismo: o que fazer?** Belo Horizonte: Ed. Autores, 2024. Disponível em:

https://ufmg.br/storage/2/1/5/7/2157928018283e78e9158b47421bfa9f_17123367722456_1633332584.pdf Acesso em: 16 ago. 2024.

PEREIRA, Sabrine Antunes. et al.,. Educação física escolar para crianças com transtorno do espectro autista: contribuições para professores (as) de educação física. **Revista Saber Acadêmico**, Presidente Prudente, n. 28, p. 2-15, jul./dez. 2019.

Disponível em: https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20200904093818.pdf
Acesso em: 15 out. 2024.

Rhema NeuroEducação. **O que quer dizer flapping no autismo?** 2023. Disponível em: <https://rhemaneuroeducacao.com.br/blog/o-que-quer-dizer-flapping-no-autismo/#:~:text=Sendo%20um%20comportamento%20motor%20caracter%C3%ADstico,se%20assemelha%20ao%20bater%20asas.> Acesso em: 17 out. 2024.

RISSATO, Heloise. Curta “Fitas”: Animação da Pixar fala sobre a ligação entre pessoas típicas e atípicas. Blog da Genial Care, 2023. Disponível em: <https://genialcare.com.br/blog/curta-fitas-animacao-da-pixar/> Acesso em: 13 ago. 2024.

RIVOLTELLA, Pier Cesare. Retrospectivas e tendências da pesquisa em mídia-educação no contexto internacional. In: FANTIN, Mônica; RIVOLTELLA, Pier Cesare (Org.). **Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

ROLINSKI, Lucelia. **Relação professor aluno: fator determinante no processo de ensino e aprendizagem**. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense. Produção Didático-Pedagógica, 2010. Volume II. Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_uepg_ped_pdp_lucelia_rolinski.pdf Acesso em: 5 out. 2024.

ROSA NETO Francisco. et al.,. Efeitos da intervenção motora em uma criança com transtorno do espectro do autismo. *Temas sobre Desenvolvimento* 2013; 19(105):110-4. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/264543850_Efeitos_da_intervencao_motora_em_uma_crianca_com_Transtorno_do_Espectro_do_Autismo Acesso em: 17 out. 2024.

SÁ, Clarice. Fitas e os laços possíveis com autistas não verbais. **Blog Autismo e Realidade**, 2022. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/2022/10/10/fitas-e-os-lacos-possiveis-com-autistas-nao-verbais/> Acesso em: 13 ago. 2024.

SANTOS, Júlio César Furtado dos. O desafio de promover a aprendizagem significativa. *Revista UNIABEU*, v.20, p. 29-37, 2006. Disponível em: <http://www.juliofurtado.com.br/textodesafio.pdf> Acesso em: 5 out. 2024.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro, WVA, 1997.

. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, Ano XII, mar. /abr. 2009, p. 10-16. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/SASSAKI-_Acessibilidade.pdf?1473203319](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/SASSAKI_-_Acessibilidade.pdf?1473203319) Acesso em: 25 set. 2024.

_. Nada sobre nós, sem nós: Da integração à inclusão – Parte 2. **Revista Nacional de Reabilitação**, ano X, n. 58, set./out. 2007, p.20-30. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2012/01/nada-sobre-n%C3%93s-sem-n%C3%93s2.pdf> Acesso em: 25 set. 2024.

_. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. **Revista Nacional de Reabilitação**, São Paulo, ano 5, n.24, jan/fev. 2002, p.6-9. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/TERMINOLOGIA_SOBRE_DEFICIENCIA_NA_ERA_DA.pdf?1473203540 Acesso em: 25 set. 2024.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2011.

SECRETARIA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA. **Cartilha do Autista**, 2023. Disponível em: <https://www.sepd.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2023/11/cartilha-do-autista.pdf> Acesso em: 16 ago. 2024.

SILVA, Hudday Mendes. **As redes colaborativas no processo de formação docente para uma Educação Física Inclusiva**. Natal: UFRN, 2023. 128p. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/54883> Acesso em: 12 set. 2024.

SPALATO; Marina Helena Trunci Oliveira; PORTOLESE, Joana. Estratégias de habilidades sociais. In: **Cartilha Autismo & Educação**. São Paulo, 2013. Disponível em: https://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civel/aa_ppdeficiencia/aa_ppd_autismo/aut_diversos/Cartilha-AR-Out-2013%20-%20autista%20na%20escola.pdf Acesso em: 8 out. 2024.

SOARES, Carmen Lúcia. et. al.. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

OLIVEIRA, Fabyana Soares de. **Interfaces da prática docente inclusiva : diálogo com a formação continuada colaborativa em educação física**, Natal: UFRN, 2023. 219 f. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/57389> Acesso em: 12 set. 2024.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.

TINÔCO, Rafael de Gois; BATISTA, Alison Pereira; e ARAÚJO, Allyson de Carvalho. Educação física escolar & cinema: experimentando novas formas de ensinar esporte no ensino médio. In: Claudemir Edson Viana; Raíja Maria Vanderlei Almeida. (Org.) **O Protagonismo infanto-juvenil nos Processos Educomunicativos**. 1ª ed. São Paulo: Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação, 2021, v.1, p. 444-458. Disponível em: <https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/download/31/23/1126-1?inline=1> Acesso em: 29 set. 2024.

UNICEF-BRASIL. **Declaração universal dos direitos humanos**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos> Acesso em: 17 abr. 2024.

VIANA, Nildo. **Como assistir um filme?**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Corifeu, 2009.